

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Cristiano Maserá Philomena**

**FATORES QUE LEVAM ATLETAS UNIVERSITÁRIAS DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL A PRÁTICA DO FUTSAL: Um estudo  
acerca de sua iniciação, alegrias, decepções e expectativas.**

**Porto Alegre**

**2010**

**Cristiano Masera Philomena**

**FATORES QUE LEVAM ATLETAS UNIVERSITÁRIAS DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL A PRÁTICA DO FUTSAL: Um estudo acerca  
de sua iniciação, alegrias, decepções e expectativas.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física,  
submetido como requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciatura em Educação Física da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

**Porto Alegre**

**2010**

Cristiano Masera Philomena

**FATORES QUE LEVAM ATLETAS UNIVERSITÁRIAS DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL A PRÁTICA DO FUTSAL: Um estudo à cerca  
de sua iniciação, alegrias, decepções, e expectativas**

Conceito final:

Aprovado em..... de ..... de .....

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr..... – UFRGS

\_\_\_\_\_  
Orientador – Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser – UFRGS

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar os fatores que levam atletas universitárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) à prática do futsal. Realizou um estudo acerca de sua iniciação esportiva no futsal, suas alegrias, decepções e expectativas. Especificamente buscou: Verificar como foi o processo de iniciação no futsal; verificar a participação da família na modalidade esportiva escolhida pela atleta (futsal); investigar os preconceitos vivenciados ao longo da sua prática frente ao futsal; averiguar as alegrias e /ou decepções experimentadas pela prática do futsal; constatar os fatores que as motivam a jogar futsal; verificar as suas expectativas quanto ao futsal. Para tanto foram entrevistadas seis atletas da equipe universitária de futsal feminino da UFRGS. A pesquisa é um estudo de caso e faz um corte qualitativo tendo na entrevista semi-estruturada seu principal instrumento de captação de informação. A análise dos dados foi realizada a partir do diálogo entre os depoimentos das atletas com a literatura: Mulher e o esporte no mundo, Mulher e o esporte no Brasil, Mulher e o futsal e Pesquisas relacionadas à mulher e o futsal. Os resultados foram divididos em seis categorias de análise: 1.Mulheres, futsal e iniciação; 2.Mulheres, futsal e família; 3.Preconceitos e futsal feminino; 4.Futsal feminino: Alegrias X decepções; 5.Fatores motivacionais ligados à mulher no futsal e 6.Expectativas futuras quanto ao futsal feminino. Na categoria 1 identificamos que metade das entrevistadas tiveram seus processos de iniciação vinculados às ruas, 2 vinculado à escola, e 1 ligado a um clube. Na segunda categoria é possível observar a resistência dentro do núcleo familiar. Das pesquisadas 2 tiveram apoio por parte da mãe, 2 da família em geral, 1 teve apoio oriundo do pai e 1 do avô. As meninas que possuíam namorados sempre contaram com o apoio desses a fim de se perpetuar no futsal. Na categoria 3, apenas uma das entrevistadas nunca sofreu com problema (preconceito), em contraponto às demais. Dentre os preconceitos citados estão os ligados a mulher e o esporte em geral, os relacionados as diferenças que a mídia faz entre o futsal feminino e masculino, os relacionados a sexualidade e por fim dos preconceitos vivenciados dentro da UFRGS. Na quarta categoria evidenciou-se que para as entrevistadas as alegrias estão nas amizades criadas em torno do futsal, em viagens para competições, nas suas vitórias por mais simples que seja a partida e por fim, no simples fato de poder estar praticando. Já as decepções estão fortemente ligadas às derrotas, ao não jogar bem, à falta de apoio e ao fato de ter que provar ser boa sempre. Na categoria 5 todas as respostas vão ao mesmo encontro: Amor, dedicação e paixão pelo esporte. Na última categoria os resultados são os mais surpreendentes e também entristecedores. Apenas uma das meninas ainda possui aspiração de vir a se tornar uma jogadora profissional. Para elas jogar pela UFRGS já é estar em uma equipe grande. Para os meninos o vínculo ao futsal universitário é um início, enquanto que para as meninas é o ápice.

**Palavras Chave:** Futsal. Feminino. Gênero. Motivações. Expectativas

## ABSTRACT

This research objectified analyze the factors that carry academic athletes of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) to futsal practice. It accomplished a study concerning its sporty initiation in futsal, their happinesses, deceptions and expectations. It specifically sought: Verify how was the initiation process in futsal; verify family's participation in the sporty modality chosen by the athlete (futsal); investigate the prejudices lived along its practice front to futsal; Ascertain the happinesses and /or deceptions experienced by futsal practice; Verify the factors that motivate them to play futsal; verify their expectations regarding futsal. For so much were interviewed six futsal academic team athletes feminine of UFRGS. The research is a study of case and does a qualitative cut having in the interview your semi-structured information capitacion main instrument. The data analysis was accomplished from the dialog among athletes' depositions with the literature: Woman and the sport in the world, Woman and the sport in Brazil, Woman and futsal and Researches related to woman and futsal. The results were divided into six analysis categories: 1.Women, futsal and initiation; 2.Women, futsal and family; 3.Prejudices and futsal feminine; 4.Futsal feminine: Happinesses X deceptions; 5.Motivacional factors linked to the woman in futsal and 6. Future expectations regarding futsal feminine. In the category 1 identify half the interviewees had their initiation processes entailed to the streets, 2 entailed to school, and 1 linked to a club. In the second category is possible the resistance inside the family nucleus was observed. Of the searched 2 had support by the mother, 2 of the family in general, 1 had father's derived support and 1 of the grandfather. The girls who owned boyfriend and girlfriend always relied on the support from these in order to perpetuate in the futsal. In the category 3, just one of the interviewees never suffered with problem (prejudice), in counterpoint to the too much. Among the cited prejudices are the linked the woman and the sport in general, relacioàados the differences that the media does between futsal feminine and masculine, relacioàados the sexuality and finally of the prejudices experienced inside UFRGS. On fourth category it evidenced that for the interviewees the happinesses are in the friendships maids around of futsal, in travels for competitions, in their victories for simpler than is the departure and finally, in the simple fact of caning be practicing. Already the deceptions are strongly linked to the defeats, when not playing well, to the support lack and to the fact of having that prove to be good always. In the category 5 all the answers will go to the same encounter: Love, dedication and passion for sport. In the last category the results are the most surprising and also sorrowful. Just one of the girls still owns aspiration of coming to turn be become a professional player. For they throw by UFRGS is already be to play a great team. For the boys entail it to futsal academic is a beginning, while for the girls is the apex.

**Key words:** Futsal. Women's. Gender. Motivations. Expectations

Dedico este trabalho em memória de meu avô Álvaro Homero do Amaral Maserá, um homem de caráter, sempre a favor da verdade, bem como, da justiça. Inspiração para mim em todos os momentos de dificuldades, lutas e superações. Faço-me presente aqui também, a fim de, homenagear a minha, sempre presente, mãe Maria Laetitia Pompeo Maserá bem como, meu pai José Carlos Fernandes Philomena e minhas irmãs, Luciana Maserá e Vanessa Maserá. Por fim, minha noiva, e futura mãe de meus filhos Katherin Misura de Oliveira.

Venho através deste agradecer ao Governo Federal a oportunidade, concedida a mim, de usufruir os bens de uma universidade pública e gratuita, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo essa considerada uma das melhores do país. Aproveito a oportunidade para agradecer, também, a possibilidade que a UFRGS me oportunizou através de bolsas de pesquisa, monitoria e de extensão de aliar aos meus estudos uma pequena tranquilidade financeira, bem como a oportunidade de me tornar um profissional qualificado ao mercado de trabalho. Por último, mas não menos importante, agradeço a meus professores, em especial Rogério da Cunha Voser e Adroaldo Gaya; professores que sempre me trataram não como aluno, mas sim, como colega de profissão, quase unânimes no quesito me fazer interessar e priorizar o aprendizado no momento em que já me estabilizava no mercado de trabalho.

## SUMÁRIO

	Pág.
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
2.1 A MULHER E O ESPORTE NO MUNDO.....	12
2.2 MULHER E O ESPORTE NO BRASIL .....	17
2.3 MULHER E O FUTSAL.....	21
2.3.1 Pesquisas Relacionadas à Mulher e o Futsal.....	26
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>30</b>
3.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	30
3.2 DESIGN DA PESQUISA .....	30
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	31
3.4 INSTRUMENTOS.....	32
3.4.1 Entrevista Semi-Estruturada.....	32
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	33
3.6 PRESSUPOSTOS ÉTICOS.....	34
<b>4 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>35</b>
4.1 MULHERES, FUTSAL E INICIAÇÃO.....	35
4.2 MULHERES, FUTSAL E FAMÍLIA.....	37
4.3 PRECONCEITOS E FUTSAL FEMININO.....	38
4.4 FUTSAL FEMININO: ALEGRIAS X DECEPÇÕES.....	43
4.5 FATORES MOTIVACIONAIS LIGADOS À MULHER NO FUTSAL.....	45
4.6 EXPECTATIVAS FUTURAS QUANTO AO FUTSAL FEMININO.....	47

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>55</b>

# **1 INTRODUÇÃO**

O desenvolvimento deste estudo acadêmico visou investigar fatores que levam atletas universitárias à prática de futsal.

Mesmo sendo um dos desportos mais praticados da atualidade, o futsal, ainda busca sua unificação e espaço no cenário mundial; a fim de se tornar um esporte olímpico.

O futsal feminino além de lutar por uma estruturação do desporto defronta-se com o preconceito ainda existente devido a estereótipos de gênero e das normas sexistas existentes no contexto esportivo.

Apesar dos preconceitos, estereótipos, discriminações, violências, que permeiam a prática das mulheres no esporte, especificamente no futsal feminino, esporte abordado neste trabalho, as mulheres foram à luta em busca de participação em jogos e competições estaduais, nacionais e mundiais. Com essa atitude elas mostram que são capazes de ultrapassar barreiras impostas pela sociedade e ocuparem o seu lugar em vários contextos inclusive os esportivos: é a mulher fazendo a sua história.

## **1.1 JUSTIFICATIVA**

O aumento progressivo do interesse de atletas universitárias pela prática do futsal e a experiência pessoal do pesquisador nesta modalidade na universidade motivaram-no a investigar o que levam as atletas a aderirem a tal prática.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Analisar os fatores que levam atletas universitárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) à prática do futsal. Realizando um estudo acerca de sua iniciação esportiva no futsal, suas alegrias, decepções e expectativas.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

Verificar como se deu o seu processo de iniciação no futsal

Verificar a participação da família na modalidade esportiva escolhida pela atleta (futsal)

Investigar os preconceitos vivenciados ao longo da sua prática frente ao futsal

Averiguar as alegrias e /ou decepções experimentadas pela prática do futsal

Constatar os fatores que as motivam a jogar futsal

Verificar as suas expectativas quanto ao futsal

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A MULHER E O ESPORTE NO MUNDO**

De acordo com Rúbio (1999) ao refletirmos sobre a atual participação feminina no esporte, percebemos que se faz necessário resgatarmos o contexto histórico na qual este fato se sucedeu. Conforme seu estudo, deve ser demonstrado que desde a antiguidade a mulher se faz presente no mundo da atividade física. Fato este, que acaba de ser, de alguma forma, ocultado, visto ter sido a história escrita e interpretada pelo ponto de vista masculino. Atualmente, a mulher ainda acaba por sofrer demasiados preconceitos, sejam eles de caráter social ou econômico. Assim, torna imprescindível evidenciar que mesmo com o passar do tempo e depois de diversas conquistas ainda não possuímos uma equiparação nos mais diversos graus de estruturação social entre os gêneros. Não ficando de fora, desta forma, as diferenças dentro dos meios esportivos.

Kennard e Caster citado por Rúbio (1999) discutem essa afirmação evidenciando que a mulher, seja na antiguidade ou na modernidade, sempre foi estudada a partir de uma perspectiva eurocêntrica masculina. Perspectiva essa, de quem se encontra no poder. Sendo consequência direta deste fato, uma leitura e uma interpretação tendenciosa dos registros históricos que fala acerca de uma história genérica da humanidade, mas que na realidade, vem a retratar a história de homens.

No esporte, a história sucede-se da mesma forma. As mulheres foram tidas como invasoras de um campo de usufruto dos homens. De acordo com Rúbio (1999) estes ataques às mulheres são percebidos especialmente naquelas que se dedicaram ao esporte coletivo, visto que o poder das mulheres em grupo sempre representou uma grande ameaça à estrutura patriarcal. Históricos da idade antiga ocidental comprovam que desde os tempos mais remotos, ora por questões políticas ou sociais, as mulheres foram afastadas de movimentos relativos aos esportes.

Um exemplo disto é a não participação das mulheres nos Jogos Olímpicos Antigos, não vinculação essa ligada à cidadania. As mulheres em Atenas não eram consideradas cidadãs.

“Às mulheres era proibida a participação em assuntos como a política, economia, e nos jogos gregos a imagem feminina só poderia ser citada pela visão da sacerdotisa que trazia boa sorte ao competidor ou como aquela que o consagrava pela vitória com a coroa do triunfo” (CHIÉS, 2006, p.101).

“A atuação da mulher na sociedade grega restringia-se às aplicações da vida doméstica o que envolvia fundamentalmente, a geração de filhos, futuros cidadãos. E total submissão aos homens elas não eram consideradas cidadãs, assim a sua expressão cívica em Atenas era estruturada em primeira vista pelo domínio patriarcal e depois do casamento pelo do marido, a essa intercalação entre tutores correspondia o estatuto da mulher. Dessa forma, as mulheres da civilização grega tinham a função de garantir a reprodução da sociedade, não somente gerando novos seres, mas de afirmar os costumes que preservaram a supremacia masculina. Elas administravam a vida familiar, promovendo o bom funcionamento das tarefas domésticas e religiosas” (GONÇALVES; SILVA; CARVALHO apud CHIÉS, 2006, p.115).

Contudo elas podiam participar de outros tipos de jogos:

[...] Em honra a Poseidon, a cada dois anos eram promovidos os Jogos Ístmicos, que tiveram extraordinária importância e esplendor na antiga Hélade. Eram realizados no Istmo de Corinto, ponto de ligação entre a Grécia continental e o Peloponeso. Esses torneios recebiam um grande número de participantes e espectadores, levando-se em consideração o fato de Corinto ser um dos mais importantes centros comerciais e de diversões daquele tempo. Não se sabe a data em que os Jogos Ístmicos começaram a ser disputados. Embora não haja referência à organização, administração ou esportes praticados, desenhos da época levam os historiadores a crer que nestes jogos eram disputadas provas hípicas, atléticas, musicais, literárias e náuticas. A partir de 580 a.C. os concursos de poesia e música passaram a ser acessíveis também às mulheres.

Em um destes, Píndaro, grande poeta lírico, foi derrotado cinco vezes pela poetisa Corina. Os vencedores dos Jogos Ístmicos recebiam como prêmio uma palma e uma coroa de folhas de pinheiro [...]Para procurar a igualdade, desde o século VI a.C, as mulheres da Grécia Antiga, também tiveram suas próprias "olimpíadas": os Jogos de Hera. Conforme a mitologia grega, Hera é a esposa de Zeus. Os jogos olímpicos eram uma homenagem a Zeus e as mulheres passaram a fazer suas próprias homenagens a Hera. Os jogos de Hera eram realizados a cada quatro anos, mas tinham apenas uma modalidade: corrida. As corredoras vestiam poucas roupas e as campeãs seriam premiadas com coroas de oliveira e carne bovina. As vencedoras não podiam deixar suas estátuas, mas sim, suas pinturas e nomes na legenda comemorativa [...] (FERREIRA, 2004, p.63)

Em Esparta, diferentemente de Atenas, as mulheres recebiam educação quase igual à dos homens, participando dos torneios e atividades desportivas. O objetivo era dotá-las de um corpo forte e saudável para gerar filhos sadios e vigorosos. Consistia na prática do exercício físico ao ar livre, com a música e a dança relegadas para um segundo plano (ao contrário do que tinha sucedido na Época Arcaica). Assim como os homens, também iam aos quartéis quando completavam sete anos de idade para serem educadas e treinadas para a guerra mas dormiam em casa, onde recebiam da mãe aulas de educação sexual, assim que atingiam a chamada menarca (primeira menstruação), começavam a receber aulas práticas de sexo, para gerarem bons cidadãos para o estado, aulas onde se usavam escravos, com coito interrompido para não engravidarem de hilotas (servos) e recebiam também uma educação mais avançada que a dos homens já que seriam elas que trabalhariam e cuidariam da casa enquanto seus maridos estivessem servindo ao exército. A mulher espartana podia ter qualquer homem que quisesse, mesmo sendo casada, já que seus maridos ficavam até os 60 anos de idade servindo ao exército nos quartéis, e podia também requisitar o seu marido ao general do quartel, mas o mesmo não poderia ser feito pelos homens. (FERREIRA, 2004, p.70)

A partir do feudalismo, era esperada da mulher uma educação que não se limitava apenas a seu saber lingüístico (ler e escrever), mas também, a caça, a capacidade de contar histórias,

responder a questões de forma sagas, cantar, tocar instrumentos musicais, bem como, dançar. Contudo, de acordo com Park citado por Rúbio (1999), ocorre um retrocesso em meados do século XVII, quando a mulher perde por completo seus direitos individuais. Ela acaba se tornando propriedade de seu marido, ou quando solteira, de seus parentes homens. Através de tal subordinação, as mulheres acabam por serem totalmente afastadas de atividades esportivas e de lazer.

Entretanto, no início de século XIX, a mulher passa a ter certo contato com o esporte. Elas acompanhavam seus maridos em suas competições de boxe, remo, corridas de cavalos, arco e flecha, chegando a terem certa participação junto ao esporte.

Nos Jogos Olímpicos da Era Moderna as mulheres participaram apenas como expectadoras, devido a grande oposição por parte dos primeiros integrantes do Comitê Olímpico Internacional (COI) em especial seu primeiro presidente o Barão de Coubertin, como afirmava Taffarel e França (1994) o Barão dirigia a política esportiva onde a participação da mulher não era vista, sob o argumento de que a pratica do esporte era incompatível com a condição feminina.

O Barão tinha ainda a

“[...] crença que as mulheres perdiam o seu charme feminino ao se engajarem em atividades extenuantes” (WELCH e COSTA citado por KNIJNIK, 2003, p.24).

Para Rúbio (1999) em 1900 quando os Jogos Olímpicos realizaram-se em Paris, cidade marcada pelo liberalismo, as mulheres foram formalmente aceitas como participantes, porém com restrições impostas de que poderiam competir apenas nas modalidades de golfe e de tênis, por serem consideradas modalidades belas e que não ofereciam contato físico entre as participantes.

Conforme Pfister apud Drinkwater (2004) nos II Jogos Olímpicos, em Paris, sete mulheres participaram no tênis e dez nas competições de golfe, esportes típicos da classe alta. Charlotte Cooper da Grã-Bretanha ganhou uma medalha de ouro na competição individual de tênis e uma de ouro nas duplas mistas de tênis ao ar livre.

Refere Soares citado por Rúbio (1999) que nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, foi permitida a participação de mulheres em provas de natação.

Na década de 1920, devido a Primeira Guerra Mundial, as mulheres aprenderam a desempenhar papéis masculinos e começaram a lutar por seus direitos enquanto cidadãs. Em muitos países elas conseguiram direito ao voto e acesso à universidade e às profissões acadêmicas. O esporte, principalmente o competitivo também eram domínio no qual as mulheres tiveram de lutar por seus direitos (PFISTER citado por DRINKWATER, 2004).

Há oposição em relação à participação do “sexo frágil” em competições esportivas e nos Jogos Olímpicos ainda não havia sido superada.

Em 1924, na Olimpíada de Paris, foi permitido às mulheres competirem em esgrima com florete. Em 1928, na Olimpíada de Amsterdã, também participaram das competições de ginástica em equipe (salto em altura, arremesso de disco, corrida de cem metros, quatro por cem, e oitocentos metros), já eram cinco modalidades. Pela primeira vez foi permitido às mulheres competir em um estádio Olímpico.

Segundo Soares citado por Rúbio (1999), o fato de algumas atletas desfalecerem ao final da prova dos oitocentos metros rasos colocou em risco esse avanço, reforçando o argumento àqueles que se opunham a participação feminina baseados na sua incapacidade física para as provas de resistência, mesmo após os técnicos terem argumentado que elas não foram preparadas adequada e especificamente para aquela prova.

Karoline Radck-Batschauer, da Alemanha, ganhou ouro nos oitocentos metros dos Jogos Olímpicos de 1928 e Kinue Hitomi, do Japão, ganhou prata.

Nos jogos de Los Angeles em 1932 e de Berlim em 1936 houve um aumento considerável de mulheres, aproximadamente dez por cento do total de participantes.

Mildred “Babe” Didrikson ganhou ouro no lançamento de dardo e nos oitocentos metros com barreiras, e prata no salto em altura nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles. (PFISTER citado por DRINKWATER, 2004).

A partir daí passamos a ter sucessivos aumentos no que se referem as modalidades esportivas e a participação feminina vinculada a eventos esportivos.

## 2.2 A MULHER E O ESPORTE NO BRASIL

A inserção das mulheres brasileiras no mundo do esporte data de meados do século XIX. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que a participação se amplia adquirindo, portanto, maior visibilidade, (GOELLNER 2004, p.2). É muito recente a vinculação e participação da mulher no ambiente esportivo. Seja tanto no âmbito de atleta tanto como no administrativo. A primeira participação de uma atleta do gênero feminino brasileira se dá nas Olimpíadas de Los Angeles, em 1932, com apenas 17 anos coube a Maria Lenck essa proeza. Esta notícia foi publicada na revista Educação Physica, de São Paulo, no ano de 1993, pelo professor da Escola Superior de Educação Physica, de São Paulo, Américo R. Netto.

Foi o esporte que, realmente, modernizou a mulher. Antes d'elle a vida ao ar livre estava praticamente vedada. Chegava a conhecê-la de longe em longe, é certo, mas só em ocasiões em que os homens cuidadosamente preparavam. E restringiam. [...] Hoje, porém... Tudo mudou. O esporte chamou a mulher para o ar e para o sol. E também para a água, esta irmã gêmea do exercício.

Desmente-se, assim, a secular legenda do sexo que para ser bello devia ser debil, necessaria-mente.

[...] Graças aos esportes, ella toma o seu quinhão – e que farto quinhão! – na grande vida das actividades phisicas. Os habitos novos estão fazendo uma gente também nova. A languidez, tão cara aos românticos, já não existe, quasi. A saúde affirma-se. A vitalidade triumpha. Não há mais lentidões, temores nem desfallecimentos, agora que a mulher aprendeu a empunhar o volante do automovel e do aeroplano, embriagando-se com a velocidade das machinas de correr, ouvindo e entendendo o rythmo Z-bemól dos seus motores. Ella vive hoje mais e melhor porque sente e vibra num rythmo mais rapido, mais largo também.

[...] Esportes femininos... Quasi que não existem mais. A mulher já entrou bem decidida, no que os homens guardavam especialmente para elles. Não respeita mais privilégios nem exclusividades. Bem comprehende e sabe que a energia humana é, antes de tudo, força nervosa. E como a possua mais subtil e aguda, com ella quer triumphar. Deseja – e toma – os melhores lugares, ás vezes os primeiros. Fazendo-o, nada perde do seu encanto fundamental. E assim se explica o commovido assombro com que os homens do nosso tempo são forçados a consideral-a: – creatura nova de um tempo que, si não é de todo novo, resulta, pelo menos, bem differente [sic] (NETTO, apud GOELLNER, 2004).

A mulher, no geral, sempre foi tida como uma presença ligada única e exclusivamente ao lar, serviços domésticos e cuidados para com a família. Sua educação, até então, era dedicada, desde seu nascimento até um futuro e pós matrimônio, a forma como ela deveria se portar perante um mundo que a subordinava ao sexo, tido como dominante, masculino. Assim, não tão somente para ela, mas também para o seu sexo oposto, torna-se demasiadamente difícil vir a crer e até a aceitar tal mudança de paradigmas. Como poderia a mulher se beneficiar do gozo de atividades esportivas e ao mesmo tempo superar suas atividades domésticas.

De acordo com Goellner (2004) é salientado que ainda que tenha aumentado significativamente nas últimas décadas, a participação feminina no esporte merece ser analisada

com cautela. Isso significa afirmar que não são iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparado aos homens, no campo das práticas corporais e esportivas, seja no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar, na visibilidade conferida pela mídia, nos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, entre outras. Ou seja, ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder, conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão e administração.

Mesmo em constante luta por direito de igualdade perante os homens, as mulheres, brasileiras, vêm desempenhando com muita eficácia seu papel no âmbito esportivo. A primeira medalha de ouro feminina brasileira ocorreu no ano de 1996, na Olimpíada de Atlanta, oriunda do vôlei de praia em dupla. Lembrando também que a primeira medalha dourada no âmbito individual é muito recente; data de 2008, nos Jogos Olímpicos de Pequim, sendo essa conquistada por Mauren Marggie no atletismo, mais especificamente, no salto em distância.

Taffarel e França (1994) frisam que, recentemente, ainda havia certas proibições para a prática feminina em alguns desportos. Que através da deliberação nº 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos não era permitido a participação das mulheres em práticas que envolvessem lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e beisebol. No entanto, os desportos que mais tempo aguardaram por uma liberação à prática, sem sombra de dúvidas foram os desportos coletivos com bola ligados a atividades com os pés. Esses, mesmo após liberação, acabam por gerar preconceitos a suas praticantes.

No “país do futebol”, enquanto jogadores do desporto acabam por assinar a contratos milionários, nos deparamos, em controvérsia, com as mais variadas necessidades vivenciadas cotidianamente por parte das mulheres que optam por esta modalidade esportiva. Essas mesmo diante de resultados positivos acabam por serem esquecidas, rapidamente, após suas conquistas. Quarto lugar nas olimpíadas de Sydney (2000), medalistas de prata nas Olimpíadas seguintes em Atenas (2004) e Pequim (2008), e vices campeãs mundiais, as mulheres mesmo diante de conquistas tão ou mais significativas que as da Seleção Masculina de Futebol, acabam por serem

cúmplices de uma estrutura decadente na modalidade em questão quando comparadas aos homens. Sofrem ao final de cada conquista, com promessas jogadas ao léu de um dia terem uma liga feminina compatível aos seus retrospectos.

De acordo com a pesquisa realizada por Teixeira e Moore (2008) sobre “A mulher e o esporte nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo”, a questão de estereótipos de gênero foi abordada da idéia central de que há predeterminação social das modalidades que são próprias para homens e para mulheres, e das dificuldades decorrentes desse dado cultural. As principais delas sendo: o preconceito contra as meninas que praticam determinados tipos de esporte, principalmente o futebol; e a não valorização no nosso país das vitórias femininas no esporte, exigindo das mulheres esforços extras para fazerem suas conquistas. Segundo as autoras da pesquisa, foram sempre às falas relativas à prática do futebol as que mais nitidamente explicitaram a existência de preconceitos contra as meninas que praticam determinados esportes considerados “masculinos”. “De um lado, temos hoje um cenário nacional que supervaloriza o futebol masculino - a ele e aos seus expoentes individuais são dedicados 90% dos noticiários esportivos e a paixão da torcida. De outro lado, temos uma subestimação do futebol feminino, que, além de ser estigmatizado (e talvez por isso mesmo), não é valorizado, não tem torneios significativos não é devidamente reconhecido e conta com poucos espaços para sua prática regular, em locais distantes da periferia e sem segurança. Isso a despeito de já ter obtido alguns importantes êxitos internacionais como, por exemplo, o título de melhor jogadora do mundo, em 2006, conferido pela FIFA à atacante Marta, de 20 anos, hoje jogando fora do país por não ter tido espaço no Brasil para se profissionalizar”. Nesta pesquisa também vem á tona o desagrado dos responsáveis pelas atletas, principalmente às mães, pela escolha das filhas por essa modalidade esportiva: conformam-se depois de inúmeras tentativas de removê-las para outra modalidade esportiva “mais romântica” e “que se combina com o perfil dela”, mas continuam achando o esporte inadequado, “sem graça” e sem futuro.

“A importância dos estudos históricos e antropológicos com vista às mulheres no esporte traz a vigência dessas reflexões, enfatizando a equidade como princípio a ser enfatizado em todas as intervenções do profissional de Educação Física, buscando aplicar o respeito às diferenças como características inerentes

ao convívio entre os gêneros. As diferenças biológicas são nítidas, mas devem ser compreendidas simplesmente como diferenças e não dentro de “níveis de limitações”.

As diferenças existem e o profissional de Educação Física deve assumi-las como um alerta à necessidade de adaptações a suas aulas, para que possa trazer uma prática não excludente e participativa a todos, tanto no que diz respeito às distinções referentes ao gênero e a atividade física, como também outras diferenças que apareçam motivadas por modelos de corpos construídos socialmente” (CHIÉS, 2006, p.119).

### 2.3 A MULHER E O FUTSAL

O futsal é uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil. Seu surgimento data da década de 30, tendo uma divergência quanto a sua verdadeira origem. Uma vertente vincula tal origem a Associação Cristã de Moços (ACM) de Montevidéu, no Uruguai, já a outra, julga como criador do esporte a ACM de São Paulo, no Brasil. Na época, o Uruguai era o atual campeão mundial de futebol, e era grande o número de praticantes adeptos a esta modalidade; visto ser o Uruguai um país de pequeno porte, argumenta-se que o futebol de salão tenha sido criado lá por falta de espaço para prática do futebol. Já a ACM de São Paulo julga-se criadora da modalidade, por ter criado as primeiras regras oficiais. Todavia, há uma publicação de 1933 de Juan Carlos Ceriane redigida no Uruguai, onde aparecem as primeiras regras do desporto fundamentadas no futebol, essência do jogo; basquete, tamanho da quadra; pólo aquático, fundamentação da regulamentação do espaço reservado ao goleiro; handebol, tamanho da área e da goleira (VOSE, 2003).

Segundo Voser (2003) em março de 1958, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) oficializou a prática do futebol de salão no país, criando o Conselho Técnico de Futebol de salão. E a partir da década de 80 iniciaram-se os primeiros campeonatos Pan-americanos e mundiais onde o Brasil saiu vencedor.

Nos anos 90 o futebol de salão foi fundido com o futebol de cinco (esporte reconhecido pela FIFA). A denominação do jogo passou a ser Futsal, para identificar a fusão no contexto esportivo internacional (FUTSAL BRASIL, 2006).

No ano de 2003 por intermédio de Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o futsal é incluído nos jogos Pan-americanos de 2007, no Rio de Janeiro. Assim, a Federação Paulista sente-se motivada e lança um projeto "Eu Quero Futsal Olímpico" para incluir o futsal nas Olimpíadas (FUTSAL BRASIL, 2006).

Por ser um esporte prático e dinâmico, vem crescendo de forma exponencial, no Brasil e no mundo inteiro. A cada mundial realizado é crescente a participação de seleções dos mais variados continentes. Segundo Voser (2003), tal evolução em parte se dá por ser um esporte que, quando comparado ao futebol, se torna muito mais fácil à prática. Enquanto no futebol se faz necessário um enorme plantel e espaço físico, no futsal esses números são significativamente reduzidos. Todas essas questões aliadas à questão de ser um esporte de regras ainda não totalmente unificadas acabam por gerar um atraso junto ao esporte, que ainda luta para se tornar olímpico.

Tais condições comprometem o desporto não só na mídia ou no marketing, mas também prejudicam financeiramente seus atletas quando comparados a desportos mais tradicionais e já unificados. Desta maneira, sendo uma prática com certo grau de dificuldade para os homens, torna-se quase que impossível uma carreira para as mulheres. No entanto, apesar das dificuldades apresentadas, o número de atletas femininas que se vinculam ao esporte vem crescendo de forma significativa. Ainda que o crescimento das equipes profissionais femininas seja pouco consolidado, no Brasil, vem ocorrendo um aumento junto a equipes escolares e universitárias.

De acordo com Bello e Alves (2008), o futebol e futsal feminino somente foram liberados oficialmente para prática entre as mulheres, em oito de janeiro de 1983, pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) e FIFUSA. Então os estados passam a organizar a modalidade e os campeonatos ganham espaço. O primeiro campeonato oficial foi a I Taça Brasil de Clubes que aconteceu em 1992, em Mairinque (SP) e foi organizado pela Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), com a participação de dez equipes indicadas por suas federações. A primeira

convocação feita para compor a Seleção Brasileira de futsal feminina foi em 2001, depois em 2005, o grupo reúne-se para fazer três amistosos contra a Espanha; neste ano o Brasil consagra-se campeão invicto do I Campeonato Sul Americano de Futsal Feminino.

No artigo de opinião de Torres (2006), observamos uma breve retomada dos jogos e conquistas feitas pela Seleção Brasileira de Futsal Feminino, como o Campeonato Sul Americanos e amistosos. A CBFS cria a Taça Brasil Sub-15, Sub-17 e Sub-20 e ainda o Campeonato Brasileiro de Seleções. A final da Taça Brasil Principal de 2005 foi tele visionada através da REDE TV, confirmando que a modalidade tem crescido muito nos últimos anos. Com isso, o autor concluiu que o futsal feminino está crescendo e se organizando cada vez mais, objetivando reduzir o preconceito e incentivar mulheres à sua prática.

Esse fato pode ser evidenciado através do artigo “História e evolução do futsal feminino no Brasil e Paraná” de Sanches e Borim (2009), quando as autoras relatam que mesmo antes da oficialização da prática do futebol e do futebol de salão para mulheres, em oito de janeiro de 1983, alguns estados já faziam seus campeonatos locais e metropolitanos. O principal motivo de expandir a prática do futsal feminino no Brasil e no mundo foi para incluir a modalidade nas Olimpíadas. Na América do Sul o futsal feminino é praticado nos seguintes países: Paraguai, Argentina, Uruguai, Peru, Chile, Equador e Brasil. Estes países participam do Campeonato Sul Americano desde 2005, ano de sua criação.

Segundo as autoras, o crescimento do futsal feminino no Brasil aconteceu por causa do aumento do numero de equipes e de competições no país, evolução técnica das atletas, iniciação prematura (por volta dos 13 anos de idade), diminuição do preconceito através do apoio da família, evolução tática, técnicos melhores preparados e com formação acadêmica.

Moura apud Bandeira (2007) falam que o futebol feminino, que mais tarde seria o futsal, começou a ser praticado em 1940 por mulheres do subúrbio no Rio de Janeiro. O futebol estava sendo praticado de maneira organizada em torneios e exibições de gala por mulheres do subúrbio carioca, causando uma calorosa discussão entre médicos, jornalistas, populares, professores, intelectuais e o próprio Governo Vargas. Os embates realizados principalmente nos jornais cariocas mais expressivos na época questionavam se tal esporte poderia ser praticado por nossas

“patricias” (como se dizia na época). Correr atrás de uma bola era negar o papel de mãe responsável pela geração de uma “nova raça”.

Neste novo milênio o esporte representa um dos fenômenos sócio-cultural mais importante. Enquanto fenômeno desperta interesse, mobiliza paixões, envolve sentimentos, cria representações do corpo e saúde, convidando as pessoas à imediata participação de forma ativa ou passiva (TUBINO, 1999).

A prática do futsal feminino é mais uma confirmação desse fenômeno, pois é grande a adesão de mulheres na prática dessa modalidade esportiva, seja em forma de lazer, esporte educacional ou esporte de alto rendimento.

Contudo, mesmo diante das atuais motivações para o crescimento a favor do desporto, surgem os diversos preconceitos e violências que as mulheres acabam por sofrerem quando tentam firmarem-se junto ao esporte.

Segundo Paim e Strey (2008), a violência vem crescendo no contexto esportivo com episódios lamentáveis de agressões entre torcedores com jogadores se agredindo fisicamente dentro do campo, com a presença de preconceitos raciais e de gênero, transformando-se em um grave problema social. De acordo com essas autoras, a violência física é o tipo mais visível no contexto esportivo. Porém, presenciamos no esporte outros tipos de violência que também podem causar grandes prejuízos á saúde das pessoas, que são a violência psicológica e a violência simbólica. A violência psicológica é toda ação ou omissão que causa ou visa dano à identidade ou ao desenvolvimento de uma pessoa. São os deboches, preconceitos, estereótipos. A violência simbólica tem o poder de construção da realidade, que tende a estabelecer o sentido imediato do mundo, em particular do mundo social (BORDIEU APUD PAIM, 2008).

Estes tipos de violência ocorrem mais em relação com a mulher no esporte, quando elas são vitimas de questionamentos, de preconceitos, de discriminações e de estereótipos por parte da família, delas próprias, da mídia, dos técnicos e da sociedade como um todo.

Ao longo dos anos, foram atribuídos papéis e características diferenciadas para homens e mulheres, surgindo os estereótipos de gênero. Segundo Strey (1998), Jaeger (2004) e Saraiva (2005) essas diferenças de papéis, atribuídas pela sociedade, levaram homens e mulheres a viverem em situações de desigualdade. Situações estas que, em alguns casos, propiciam a violência, inclusive no contexto esportivo, em especial no futebol. Argumenta-se que a mulher é tida como mais sensível enquanto que a prática do futebol exigem força física e liderança considerados atributos masculinos e não femininos pela sociedade.

O futebol é um exemplo viável e oportuno neste contexto, pelo caráter histórico-cultural que ocupa no Brasil como uma prática masculina e sem incentivos para a prática feminina. Essa questão ocupa um espaço fundamental em nossa educação assim como Daolio citado por Chiés (2006) ressalta, que a aptidão física também é uma prerrogativa cultural.

Conforme o inconsciente coletivo os meninos “nascem sabendo jogar futebol”, enquanto que as meninas além de não nascerem sabendo, nunca conseguem aprender a jogá-lo. Entretanto, sabendo-se que o primeiro brinquedo que o menino ganha é uma bola e ainda recebe todo um reforço social incentivando-o aos primeiros chutes; a menina, ao contrário além de não ser estimulada, é proibida a brincar com a bola utilizando os pés (CHIÉS, 2006).

De acordo com Saraiva (2005), embora as mulheres tenham conquistado um lugar nas quadras esportivas, permanecem excluídas dos cargos e órgãos decisórios, como a resistência à participação da mulher no Comitê Olímpico Internacional (COI), pois todos os membros são homens. Também existem diferenças de salários entre homens e mulheres atletas, como a reduzida presença feminina entre técnicos e dirigentes de equipes.

Cabe como reflexão ouvirmos o que dizem Lovisolo; Soares e Bartholo (2006):

“As pesquisadoras e pesquisadores da área, entretanto, se não abandonam o tom de denúncia da desvalorização e preconceito, as teses da construção e controle do feminino por parte dos homens, dificilmente conseguirão produzir o entendimento do processo cultural que almejam. Parece que chegou a hora de pensar sobre o que fazer com aquilo que foi “conquistado”, ao invés de, de

forma repetitiva, insistir sobre os territórios a conquistar. O tempo de lamúria está acabando. Carecemos de um tempo de construção e de discussão mais aprofundada do valor das práticas nas quais mulheres e homens estão inseridos” (LOVISOLO; SOARES; BARTHOLO, 2006, p.186-187).

“A mulher veio para ficar no esporte espetáculo; no mundo do esporte negócio. Já está com a participação igualitária nas Olimpíadas. Agora, cremos que deve criar seus estilos, pensar seus valores, encontrar o modo de conciliar esporte e as possibilidades de expressão da mulher nesse espaço. [...]” (LOVISOLO; SOARES; BARTHOLO, 2006, p.186).

### **2.3.1 Pesquisas Relacionadas à Mulher e o Futsal**

O artigo “A representação social da violência de gênero no contexto esportivo: um olhar a partir de atletas de futsal”, Paim (2008), teve como objetivo verificar a representação social da violência de gênero no âmbito esportivo. Tendo por característica ser um estudo qualitativo, a fim de aprofundar os significados das ações e relações humanas. Envolve nove mulheres praticantes de futsal há mais de dois anos, na faixa etária entre 20 e 31 anos, da cidade de Santa Maria - RS que participaram voluntariamente da pesquisa, respondendo a entrevista referente à violência no contexto esportivo. No que diz respeito à violência contra a mulher no contexto esportivo perante a sociedade, as respostas foram de diferentes formas: “violência de gênero” é a falta de apoio financeiro e emocional para manter os treinos; diferença de salários entre homens e mulheres no esporte; é quando há menor número de mulheres dirigentes e comentaristas esportivos; quando as mulheres são menos estimuladas há praticarem esportes; quando há piadas, preconceitos, estereótipos de gênero, entre outros. Pode-se concluir que a inserção da mulher no contexto esportivo, em especial no futsal, é um processo lento e que começou há pouco tempo.

No artigo “A face oculta das violências contra a mulher no contexto esportivo” Paim (2008), a autora realiza um estudo com vinte atletas de handebol e futsal, na faixa etária entre 18 – 28 anos. Sendo 11 atletas mulheres e 9 atletas homens. Tendo como proposta da pesquisa a tentativa de compreender como as mulheres e homens atletas percebem a violência, a violência

no esporte, e a violência de gênero contra a mulher no esporte. Com a pesquisa a autora concluiu que a violência na visão dos atletas é um instrumento e não um fim. Que a violência é aprendida e reproduzida como fruto das desigualdades sociais. E que ela é manifestada com maior intensidade quando os indivíduos estão mais vulneráveis, desprovidos de suas necessidades básicas. Sugerem a importância do resgate da cooperação, da solidariedade, do respeito, e do companheirismo: sentimentos nobres gerados pelo esporte. Quanto à violência de gênero a pesquisa revelou crenças e mitos que reforçam as relações de dominação entre os gêneros. A autora sugere que para modificar esse cenário, faz-se importante que as instituições de ensino representadas pelos professores (as) de Educação Física acreditem e repassem aos alunos que não existem atividades físicas masculinas ou femininas, apenas atividades físicas ricas em movimentos corporais. E que haja um trabalho árduo e contínuo por parte da mídia, das instituições, da educação e da sociedade em geral para a desconstrução dos estereótipos de gênero e das normas sexistas existentes no contexto esportivo.

A fim de transpor essas barreiras o profissional que deseja trabalhar aliado ao futsal feminino deve adquirir certas características no intuito de se tornar apto para o tal. Barreiras essas evidenciadas por Dallago (sd) em seu relato de opinião: “Mulher e Futsal – Antagônicos ou não?” A autora escreve que para se trabalhar com o futsal feminino, é importante que se conheçam as características físicas, biológicas e psicológicas das atletas. Para ela, muitos profissionais acreditam que o futsal e futebol são esportes masculinos, causando uma estagnação no futsal feminino. Percebe-se este fato na metodologia de treinos, onde os processos didáticos são semelhantes aos aplicados em equipes masculinas, não respeitando as características específicas da mulher atleta. Segundo a autora, para ser treinador de uma equipe de futsal feminino, o indivíduo deve ter algumas características: conhecer a mulher-atleta (suas necessidades, capacidades e sentimentos), ser motivador, ter objetivos determinados, ressaltar as qualidades de suas atletas, não dar muita ênfase aos erros e ser conhecedor do esporte: acima de tudo, deve acreditar que mulher e futsal não são antagônicos, pois com trabalho sério haverá sucesso.

Tal trabalho deve ser fruto de um processo decorrente desde a primeira infância, e não, tão somente, no momento em que mulheres procuram contato com a prática a fim de participar

de equipes competitivas. O estudo “A deficiência da aquisição de habilidades específicas para o futsal em mulheres contrapondo a situação prática da Educação Física infantil brasileira: Uma abordagem perceptivo-motora” (MONTEIRO 2000), utiliza como princípio a deficiência em mulheres para aquisição de habilidades específicas para o futsal, argumentadas no fato da Educação Física infantil no Brasil caracterizar-se pela diferenciação das experiências e competências de movimento entre meninos e meninas. Observa-se nas mulheres maior dificuldade em adquirir, ou aprender habilidades específicas para a prática do futsal. Segundo o artigo isso se deve a inexistência do desenvolvimento de padrões motores ou habilidades básicas e valências físicas denotando a falta de experimentação na idade escolar, chegando então, para praticar esta modalidade com nível de desenvolvimento ainda de habilidades básicas, impossibilitando um posterior desenvolvimento de habilidades mais elaboradas. Para o autor, as aulas de Educação Física Infantil devem ser ministradas por profissionais da área, por terem preparo e competência necessária para desenvolverem este trabalho.

O trabalho de conclusão “Futsal Feminino: A motivação para o esporte em atletas universitárias de futsal feminino” como requisito para a graduação no curso de Educação Física da PUC – RS, da autora Roselen (2006) teve como objetivo analisar e decompor os fatores motivacionais mais importantes para a prática do esporte em atletas universitárias de futsal feminino.

O estudo foi caracterizado por ser uma investigação descritiva, em que foram entrevistadas 80 alunas/ atletas universitárias de futsal de 11 equipes universitárias participantes da Copa Unisinos de 2005.

Os achados neste estudo na ordem apresentada das médias foram: jogar em equipe foi a tendência mais elevada com 3,5542; seguido de diversão com 3,5125; aprimoramento das habilidades com 3,3750; obter forma física com 3,3292; liberação de energia com 3,1275; status com 2,7479; situacionais com 2,5417 e por fim fazer amigos com 1,5156. Entre o fator “status” da motivação e a idade das atletas identificou-se que quanto maior a idade mais elevada o escore do fator “status”.

A autora concluiu sugerindo que a partir dos resultados deste estudo, a comissão técnica e psicólogos de equipes universitárias possam utilizar os fatores mais importantes e que realmente motivam seus atletas, facilitando e dinamizando os objetivos traçados na busca dos resultados positivos.

No artigo “Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas” Santana (2003) demonstra uma clara necessidade em se expandir o futsal feminino em âmbito internacional, visto que um grande passo para que o esporte se torne olímpico seria a prática profissional e unificada de ambos os sexos. Santana (2003) teve como objetivos conhecer o perfil das atletas de elite do futsal feminino paranaense e discutir possíveis implicações desse para a pedagogia do futsal. Aplicou-se um questionário para 43 atletas que disputaram a fase semifinal do Estadual, categoria principal, 2002. Obtiveram-se os seguintes resultados: (a) a média de idade das atletas foi de 20,55 anos ( $\pm 4,77$ ); (b) a Escola (46,4%), seja em aulas de Educação Física (34,8%) ou na escola de futsal da própria escola (11,6%), foi o principal ambiente de iniciação; (c) a adolescência foi o período da vida onde a maior parte (62,8%) iniciou-se na prática sistemática do futsal, em média, aos 13,69 anos ( $\pm 3,18$ ); (d) a idade de filiação a uma Federação aconteceu, em média, aos 17,12 anos ( $\pm 3,28$ ), ou seja, a maior parte (69,7%) vinculou-se à Federação na adolescência; (e) o tempo de prática sistemática, em média, foi de 6,95 anos ( $\pm 3,18$ ); (f) 32,5% consideraram o prazer de jogar e de se divertir como o fator mais relevante nos anos de prática sistemática, e (g) 32,5% das atletas eram remuneradas para jogar. Concluiu que o futsal feminino poderá questionar o paradigma atual de iniciação esportiva que se adota no futsal masculino.

“A relevância política do futsal feminino para a admissão do futsal nos Jogos Olímpicos dá indícios de que essas projeções têm uma relação estreita. As evidências são notórias: o interesse crescente da mídia, que se propõe a divulgar, ainda que timidamente, se comparado ao futsal masculino, os eventos do gênero; as iniciativas anteriormente citadas da CBFS que, tudo leva a crer, incrementarão a expansão do futsal feminino; e em particular a conquista inédita da Associação Sabesp (SP) no Campeonato Sul-americano de Clubes de 2002, disputado em Nhunhoa, Chile (SANTANA, 2003, p.2)”.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 PROBLEMAS DA PESQUISA**

Quais os fatores que, segundo as representações das atletas, mais influenciaram nos seus processos de inserção e participação no futsal?

#### **3.2 DESIGN DA PESQUISA**

O estudo foi do tipo estudo de caso institucional. Constituiu um levantamento de dados sobre o que levou alunos pertencentes à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS e ao sexo feminino a praticarem futsal junto à equipe universitária da UFRGS. Desvendou também como se deu seu início a prática do futsal, suas alegrias, decepções e expectativas. Sendo assim, a essência deste estudo de caso, que é tendência de todos estudos de caso é que ele tentou esclarecer “uma decisão ou um conjunto de decisões: por que elas foram tomadas? Como elas foram tomadas? Como elas foram implementadas? E, quais os resultados alcançados? Portanto, caracterizou-se por uma investigação intensiva que se empenhou em atingir a compreensão da singularidade do fenômeno futsal, mais especificamente feminina. Mergulhando em sua realidade mediante uma análise detalhada de seus elementos e da interação que se produz entre eles e seu contexto para atingir um processo de síntese e significação da tomada de decisão sobre o caso. Assim, este é um estudo preferencialmente de caso, pois o tipo de questão de pesquisa é de forma “como” e “por quê?”, e o controle que o investigador terá sobre os eventos é muito reduzido e o foco temporal está em um fenômeno contemporâneo dentro do contexto da vida real. Sendo ainda constitucional, visto que, os resultados obtidos através da pesquisa servirão como fonte de estudo somente para a instituição em questão, no caso para pesquisas futuras relativas a equipe de futsal da UFRGS, mais especificamente ainda relativas as suas atletas”.

De acordo com Gaya (2008), estudos de caso são aqueles que se preocupam em desvelar representações sociais, imaginário sobre práticas culturais e histórias de vida, sendo, assim,

exemplos claros de investigações em que, dificilmente, nos utilizaremos hipóteses. Desta forma, o pesquisador deverá se utilizar como suporte às questões de pesquisa. Essas sem sombra de dúvidas serão as que responderão de forma mais satisfatória as necessidades do pesquisador. Neste tipo de estudo é muito comum que utilizemos como artifício a fim de respostas, entrevistas, observações e conversas informais. Os resultados, assim, não podem ser previamente esperados pelo pesquisador, contudo podem vir a surpreendê-lo. Os resultados acabam por trazer novas informações para os pesquisadores, que certamente não poderia ter proposto hipóteses prévias que pudessem testar tais fatos da pesquisa. Sendo este estudo detalhado permitiu esclarecer relações, desvelar os processos críticos subjacentes e identificar fenômenos comuns.

### 3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Sendo esta pesquisa um estudo de caso não houve preocupações com a generalização dos resultados para além dos sujeitos investigados. Portanto, não houve preocupações no sentido de que os sujeitos investigados fossem estatisticamente representativos de sua população de origem. Não houve, também, preocupação com a aleatoriedade da amostra e outras exigências inerentes aos métodos quantitativos. Contudo, isso não significou a ausência de critérios claramente definidos para a seleção dos sujeitos. O local e os sujeitos selecionados deveriam apresentar as melhores possibilidades de fornecer informações adequadas sobre as investigações propostas. A escolha dos sujeitos foi intencional e baseada em critérios pré-definidos. (GAYA, 2008).

Os sujeitos do estudo foram compostos por 6 atletas que estavam a mais tempo participando da Equipe Universitária de Futsal Feminino da UFRGS. A escolha das atletas mais antigas se deu em função de se acreditar que por elas estarem a mais tempo envolvidas participando do futsal, seria possível aprofundar na problematização levantada nesta pesquisa, assim por possuírem um bagagem maior em relação à prática do futsal tornariam as respostas relativas a pesquisa mais clara, ampla e qualificada. Também são atletas que possuem uma faixa etária mais próxima entre si fato que torna mais coesas as intenções do grupo, tornando-o mais homogêneo. Geralmente, as atletas que estão há mais tempo na seleção de futsal da UFRGS são

as titulares, assim sobre elas soma-se uma maior responsabilidade, isso se reflete em uma maior assiduidade. Assim, sempre que necessária à intervenção do pesquisador esse saberá que seu grupo estará presente nos horários de treino. Além do mais, ao incluir atletas com menor vivências essas poderiam vir a desistir no meio do caminho de sua participação na seleção de futsal da UFRGS. Ainda sabe-se que atletas com maior tempo na seleção de futsal da universidade estão no final de sua graduação ou pós-graduação e atletas com menor tempo de caminhada estão ingressando recentemente na universidade. Assim, essas mais facilmente poderiam abandonar a universidade, prejudicando assim a pesquisa visto que tanto essa quanto a citada acima são critérios de exclusão da pesquisa. Desta forma, alia-se a escolha das 6 atletas mais antigas o conforto de aliar experiências com maior sustentação e certeza de permanência na equipe e universidade. Citando ainda que as atletas mais antigas apresentam um vínculo maior com o pesquisador, fato que deixaria o grupo pesquisado mais entrosado com o mesmo e auxiliaria o caráter investigativo da pesquisa.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

#### 3.4.1 Entrevista Semi-Estruturada

A necessidade de realizar uma aproximação de ordem mais qualitativa, buscando conhecer o pensamento das atletas sobre sua inserção e participação no futsal, fez com que fosse escolhido a entrevista semi-estruturada como instrumento de obtenção de dados. Segundo Triviños (1987:146), “podemos entender que este tipo de entrevista parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Para a realização da entrevista, organizou-se uma guia de entrevista (anexo 1), os quais serviram de estímulo às declarações das atletas. As entrevistadas poderiam expressar-se livremente, porém o entrevistador, sempre que necessário,

entreviu no sentido de retomar a direção do foco central do estudo, buscando o aprofundamento dos temas de interesse da investigação.

### 3.5 ANÁLISE DOS DADOS

O presente estudo, inicialmente, se limitou a identificar através do estudo de bibliografias ou artigos retirados da Internet, aspectos que pudessem dar um referencial teórico de sustentação para a nossa pesquisa de campo. Foram realizadas muitas leituras, principalmente, sobre a inserção das mulheres ao esporte no mundo, no Brasil e, após, a sua vinculação ao futsal, bem como a importância do desporto como fenômeno cultural, social, e educacional, propostas pedagógicas ao seu ensino e suas intervenções, modelos de ensino desportivo, e o entendimento de profissionais da área sobre a questão central do estudo “Como se dá o processo de inserção e participação das atletas universitárias à prática do futsal?”.

A partir da coleta das informações das entrevistas foram criadas categorias de análise.

Para Bardin (1979), a análise de conteúdo abrange as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, com a finalidade de se efetuarem deduções lógicas e justificadas a respeito da origem dessas mensagens (quem as emitiu, em que contexto e/ou quais efeitos se pretende causar por meio delas). Mais especificamente, a análise de conteúdo constitui:

“Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 1979:42).

O processo de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, promovido pela análise de conteúdo, é organizado em três etapas realizadas em conformidade com três pólos cronológicos diferentes. De acordo com Bardin (1979) e Minayo (2000), essas etapas compreendem: a) **A pré-análise:** fase de organização e sistematização das idéias, em que

ocorre a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado, e a elaboração de indicadores que orientarão a interpretação final. A pré-análise pode ser decomposta em quatro etapas: *leitura flutuante*, na qual deve haver um contato exaustivo com o material de análise; *constituição do Corpus*, que envolve a organização do material de forma a responder a critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência; *formulação de hipóteses e objetivos*, ou de pressupostos iniciais flexíveis que permitam a emergência de hipóteses a partir de procedimentos exploratórios; *referenciação dos índices e elaboração dos indicadores* a serem adotados na análise, e *preparação do material* ou, se for o caso, edição. b) **A exploração do material:** trata-se da fase em que os dados brutos do material são codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto. A codificação envolve procedimentos de recorte, contagem, classificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas, e c) **tratamento dos resultados obtidos e interpretação:** nessa fase, os dados brutos são submetidos a operações estatísticas, a fim de se tornarem significativos e válidos e de evidenciarem as informações obtidas. De posse dessas informações, o investigador propõe suas inferências e realiza suas interpretações de acordo com o quadro teórico e os objetivos propostos, ou identifica novas dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material. Os resultados obtidos, aliados ao confronto sistemático com o material e às inferências alcançadas, podem servir a outras análises baseadas em novas dimensões teóricas ou em técnicas diferentes.

### 3.6 PRESSUPOSTOS ÉTICOS

Esta pesquisa somente foi desenvolvida após o seu projeto ser devidamente aprovado tanto pelo Comitê da Faculdade de Educação Física, bem como pelo Comitê de Ética da UFRGS. Posteriormente a isso foi realizado o contato com o coordenador do projeto de extensão do Futsal Universitário, e após sua liberação um contato com as atletas escolhidas para a pesquisa, segundo os critérios de inclusão descritos no trabalho. Elas deveriam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que então possamos realizar as entrevistas.

## 4 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS E DISCUSSÃO

Na apresentação e discussão dos resultados optou-se a partir das entrevistas com as atletas de destacar e discutir as 6 dimensões de análise que seguem: **1.Mulheres, futsal e iniciação; 2.Mulheres, futsal e família; 3.Preconceitos e futsal feminino; 4.Futsal feminino: Alegrias X decepções; 5.Fatores motivacionais ligados à mulher no futsal; 6.Expectativas futuras quanto ao futsal feminino.**

### 4.1 MULHERES, FUTSAL E INICIAÇÃO

Com relação ao **Processo de Iniciação ao Futsal**, pode-se observar que as primeiras experiências geralmente ocorreram na rua, colégios ou ainda em algumas escolinhas. Das 6 entrevistadas 3 tiveram seus processos de iniciação vinculados às ruas, 2 vinculado à escola, e 1 ligado a um clube. O resultado encontrado na pesquisa em questão vai ao encontro dos achados de Santana 2003 quando ligados ao local aonde a maioria das meninas começou a prática do futsal. Santana 2003 descobriu-se que 37,2%, 16 atletas pertencentes a sua pesquisa, deram os primeiros passos no futsal na rua, isto é, num local que não se encaixa nos convencionalmente destinados à iniciação esportiva; 34,8%, 15 atletas, começaram na Escola, em aulas de Educação Física; 11,6%, 05 atletas, iniciaram na escola de futsal da Escola; 11,6%, 05 atletas, tiveram início na escola de futsal de um clube e 4,6%, 02 atletas, iniciaram em outra escola de futsal, como uma escola particular e um projeto de extensão de uma Universidade. O fato de 37,2% das atletas se iniciarem no jogar com a bola nos pés na rua revela que esse ambiente, ainda que informal e desprovido de um tratamento pedagógico, é favorável para o aprendizado do futsal. Isso porque insere a criança em situações muito próximas do contexto do jogo: joga-se com bola, há a presença de companheiros e de adversários e preserva-se o objetivo de se fazer e de se evitar gols. Significa dizer que não apenas as escolas, os clubes e as associações ensinam às crianças jogar bola com os pés.

Cabe ainda ressaltar que na grande maioria das vezes elas começaram a jogar em meio aos meninos. (S1): “Bom...ah, eu sempre jogava na rua, né, com os meninos e tal desde

pequena”. (A2): “Eu comecei a jogar no colégio... jogava com os guris porque não tinha futsal feminino...” (J4): “Na verdade eu gostava de ficar na rua né? Jogando bola com os guris. Normal! Toda mulher começa com os guris”. Esse fato demonstra o quanto o futsal feminino vem sendo renegado em seu processo de iniciação, o quão difícil é ele estar vinculado em escolinhas, clubes e até mesmo ao colégio. Restando para aquelas que gostam dessa vivencia esportiva praticá-lo em meio ao sexo masculino. Este fato acaba por demonstrar que desde a iniciação as meninas levam desvantagens e tem que se superarem, a fim de alcançar a prática almejada. Os meninos são mais fortes, altos e rápidos na grande maioria. Possuem uma vivência desde sempre! Quando nascem, seu primeiro presente é a bola, enquanto que para menina sobra a boneca. Assim, elas necessitam driblar essas adversidades para adquirirem seu espaço. Isso acaba por nos remeter a ideia de que apenas uma pequena parcela das mulheres acaba por seguir esse caminho; só as mais habilidosas terão livre acesso em meio aos meninos. Desde o início apenas as meninas de destaque poderão desfrutar do jogo. Restando, diferentemente dos meninos menos habilidosos que tem seu espaço garantido, a busca por outra prática. O fato de estarmos em um país que tem seu nome ligado ao esporte jogado com os pés, acaba talvez por prejudicar ainda mais a inserção das meninas a este esporte. Afinal, temos orgulho de sermos os maiores campeões mundiais nesse tipo de modalidade, como poderemos deixar então que as nossas mulheres nos envergonhem? Mesmo já estando comprovado seus méritos e conquistas perante a prática tal cenário não se altera. Elas já venceram diversos campeonatos, já provaram ser boas o bastante, contudo ainda temos, nós homens, a audácia de julgarmo-nos superiores e hegemônicos.

As respostas nos levam a crer que o processo de iniciação da grande maioria das mulheres esta vinculado a uma chance de crescer socialmente. Uma parte dessas meninas vem de famílias humildes e através do futsal tiveram a chance de estudar em um colégio particular ou ter um estudo mais adequado, os quais os pais não teriam chance de custear. (J4): “...daí eu recebi uma proposta de bolsa no Colégio Farroupilha aqui de Porto Alegre, para jogar futsal...” (C6): “...Ganhei bolsa num colégio legal para jogar futsal, então isso foi importante e me motivou para continuar no esporte, pois pensei: ‘Isso vai me ajudar muito, ainda mais que eu venho de uma família humilde”.

## 4.2 MULHERES, FUTSAL E FAMÍLIA

Com relação à **Participação da Família**, são apresentadas respostas das mais variadas, contudo é possível ainda observar a resistência dentro do núcleo familiar. Em algumas o apoio vem por parte da mãe, por parte do pai, avô e namorado. Das pesquisadas 2 (duas) tiveram apoio por parte da mãe, 2 (duas) da família em geral, 1 (uma) teve apoio oriundo do pai e uma do avô. Através dos relatos fica claro que as meninas que possuíam namorados sempre contaram com o apoio desses a fim de se perpetuar no futsal. (S1): “Bom, moro com a minha mãe, meu pai mora em outro estado, então foi ela a minha maior incentivadora”. (A2): “Meu pai, não falo muito, ele adora futsal, mas ele não me acompanha... Quem me dava mais apoio era minha mãe... Não que ela goste... mas ela apóia”. Nestas duas notamos a falta de uma família completa, onde os pais estão são ativamente ausentes e a mãe se faz presente nos dois papéis. (P3): “O meu avô me incentivava a jogar, que me levava nos treinos, para tudo!... A minha mãe não gostava muito, ela sempre era contra”. Notamos aqui mais uma vez a falta da presença do pai, no caso essa falta era suprida pelo avô, que faz jus ao papel. (J4): “Bom, eu vou te dizer assim que no esporte em geral, se não fosse pelo meu pai eu teria no esporte... Até ele era mais a favor que eu fizesse atletismo do que jogasse futsal, mas enfim, futsal ele sempre acompanhou... A mãe não gostava”. No caso de L5 e C6 temos um fato de controvérsia bem curioso. A família de L5, sempre apoiou no início, contudo quando tudo começou a ficar mais profissionalizado, L5 começou a ganhar espaço e crescer no esporte assim tendo que abrir mão de coisas as quais eles julgavam melhor para ela, passaram a diminuir o apoio. (L5): “Minha família sempre me incentivou desde pequena e... a única coisa é que quando começou a ficar um pouco difícil para eu praticar, por que comecei a faculdade e tudo mais... Começaram a ser um pouco contra... Tive um momento em que eles não me apoiavam muito”. Enquanto que a família de C6 que nunca havia dado apoio passou a dar no momento em que vê que ela está se dando bem e crescendo a partir do esporte. (C6): “Minha família nunca deu muito apoio, nunca gostaram muito... Agora que eles vêm o quanto foi importante para meu futuro, ganhei estudo e passei numa faculdade pública, to bem eles passaram a me apoiar”.

Os resultados dos relatos se parecem muito com os de Astarita (2009). Neste 1 (uma) atleta teve incentivo por parte da mãe, outra foi incentivada pelo avô, 1 (uma) pelo pai e 1 (uma) iniciou sozinha sem incentivo, contudo mais tarde recebeu incentivo do pai.

Segundo Vilani e Samulski (2002), os pais através de suas atitudes, constituem parâmetros essenciais para o desenvolvimento da personalidade de seus filhos, sendo eles os constituidores da maior influência para o desenvolvimento de seus filhos no esporte.

No relato de P3, L5 e C6 há um fato interessante. (P3): “Logo que eu entrei na faculdade eu tava namorando... ele não era contra”. (L5): “Meus namorados sempre foram a favor, sempre gostaram, sempre acharam diferente, assim, gostaram me acompanharam todas vezes que eu estava namorando alguém assim”. (C6): “Meus namorados sempre acharam demais falavam para os amigos que a namorada jogava melhor que todos eles juntos”. Essas falas mostram claramente o quanto “femininas” podem ser essas meninas, e o fato delas praticarem o futsal não influenciou na sua opção sexual, pois seus namorados são grandes incentivadores de sua prática no esporte. Fato também demonstrado em outro trecho da resposta de C6. (C6): “Mas minha família, assim, nunca foi a favor... Agora eu já tô mais velha também. E eles viram que eu sou bem decidida sexualmente, então não se preocupam”.

#### 4.3 PRECONCEITOS E FUTSAL FEMININO

Com relação a **Preconceitos e futsal feminino** podemos dizer que apenas uma das entrevistadas nunca sofreu com problema, em contraponto as demais. Primeiramente, elas falam sobre os preconceitos gerais vividos pelas mulheres em torno do esporte e Futsal. Aos poucos falam dos preconceitos vivenciados por elas. A meu ver isto acaba por demonstrar o quão delicado é esse assunto, e o tanto difícil acaba sendo para essas meninas conviver com essa realidade. (S1): “No Brasil, o futsal, é um esporte masculino. Então... tenho sorte por ter nascido na época que eu nasci”. A frase dessa menina acaba por demonstrar que elas têm esperança de que as coisas melhorem um pouco mais para o lado delas, praticantes da modalidade, visto já ter havido essa melhora de uns tempos para cá. Caso antes não houvesse esperança para as

praticantes dessa modalidade, é como se hoje já houvesse uma luz no final do túnel. Fato comprovado também nas palavras de L5. (L5): “Bom preconceito acho que sempre existiu, né? Até principalmente uns anos atrás, é... Porque era difícil, ver antes, mulher jogando futsal, hoje já é um pouco mais comum assim”.

[...] Sendo uma modalidade historicamente e culturalmente masculina na sociedade brasileira, o futebol carrega o estigma da masculinidade. Esse estigma fica evidente entre brincadeiras e comentários sobre a questão da homossexualidade das meninas que praticam o futsal. Esse tipo de brincadeira é até comum entre as meninas do time, que tentam levar a questão desse estereótipo com bom humor. Porém, se as brincadeiras que fazem alusão à sexualidade partissem de pessoas fora do grupo, independentemente do gênero do autor da brincadeira, eram recebidas com bastante intolerância pelas atletas, pois, mesmo sendo “brincadeira”, carrega um estigma que as meninas claramente não desejam que seja perpetuado[...].(STEVAUX e RODRIGUES, 2008, p 11).

Existe também o preconceito relacionado às diferenças que são feitas entre a mídia de divulgação em relação aos gêneros masculino e feminino, as promessas que sempre são feitas em relação às mulheres nos esportes tidos culturalmente como masculinos nunca se cumprem. Elas estão em busca de campeonatos, treinos, ou seja, uma vida de atleta. Em contraponto o que encontram são apenas promessas vazias, e a decepção de ter que trabalhar em outras funções (domésticas, caixas, auxiliares e garçonetes) para se sustentarem. (J4): “Acho que futsal feminino em geral sofre preconceito até hoje, né? ... Na TV, tu não vê jogo de futsal feminino; tu só vê de homem... A gente tá jogando para ganhar passagem”; (C6): “Acho que preconceito sempre existe, não só ligado ao esporte... Se falou mulher X homens já tem preconceito... Quando ganhamos nunca temos gratidão, mas quando perdemos sempre é assim, mulher tem que pilotar fogão”.

Tais ideias vão ao encontro as de Martins e Morais (2006):

[...] Através dos dados obtidos nesta pesquisa identificamos, ainda nos dias de hoje, a real necessidade da reconstrução do papel da mulher na sociedade, através de sua inserção no cenário esportivo e da forma como a mídia aborda a

questão[...] A forma de apresentação, através da mídia, da mulher que pratica o futebol tende a criar uma falsa identidade do que deveria ser o papel da mulher na sociedade, permitindo uma reprodução do ideal de beleza, de sujeição e de procriação. Embora identifiquemos uma tendência de valorização do futebol feminino, esta tendência mostrou-se de caráter transitório, sazonal e efêmero, atendendo apenas a uma demanda decorrente dos Jogos Olímpicos e da conquista que a equipe brasileira alcançou. Evidenciamos, entretanto, a necessidade da mudança dos fundamentos do discurso sobre a mulher, particularmente da mulher que pratica futebol, em que o preconceito seja objeto de estudo histórico do passado e a tendência de valorizar o esporte praticado por homens seja substituída pelo devido tratamento a quem quer que pratique o esporte (MARTINS e MORAIS, 2006, p.78).

[...] Embora o futebol seja considerado uma paixão nacional, parece não assumir este papel social quando a questão é o futebol feminino. Este trabalho reforça a necessidade de se redirecionar o status social dessa questão na sociedade brasileira, despertando de seu estado de dormência, pela forma como tem sido tratado o futebol feminino pela mídia, não apenas pelo que se diz, mas também pelo silêncio sobre ele (MARTINS e MORAIS, 2006, p.79).

Quando elas começam a falar sobre os preconceitos sofridos por elas mesmas a partir das respostas pode-se refletir que, na sua grande maioria estão relacionados à sexualidade. Por ser um esporte considerado agressivo, bruto, não se pode pensar que seres tidos como delicados possam vir a praticá-lo. (S1): “Eu, particularmente, já sofri, sim, certo preconceito por jogar futsal... a guria joga futsal, é gurizinho... a guria tá de calção... de meia, aí a guria é um guri. Sofri um pouco com isso não vou negar”; (A2): “... como eu jogava melhor que as gurias, a torcida da outra equipe ficou me xingando, me chamando de homenzinho”; (J4): “Tu acha que os meninos não me olhavam e diziam: Pô, o que a menina ta fazendo aqui? Vai vestir uma saia... Aquela coisa assim, futsal não é para mulher!” (L5): “Eu sofri algum preconceito, até porque eu jogava na rua, daí até tinha um pessoal que, na rua, tinha preconceito, e não concordava que eu ficasse lá jogando”; (C6): “Sempre rola aquilo, mulher que chuta bola é homem, gosta de mulher, que raiva!... É preconceito sempre teve, tinha um namorado meu que desconfiava de mim, dizia que achava que rolava coisas entre as gurias. Nada a ver!”.

Essa questão também aparece no estudo de Astarita (2009), neste há relato de uma menina a qual diz haver muito preconceito e questionamentos ligados à sexualidade das meninas que jogam futsal. Há um estereótipo de que a menina que joga futsal deve ser masculina existindo uma surpresa quando esta é feminina.

De acordo com Domeneghini (2007) ocorre é um preconceito é de gênero, pois existe uma opinião formada na sociedade em geral (um estereótipo), reforçado pelas próprias famílias, de que as mulheres que praticam futsal são “machonas” e pouco “femininas”.

Essas situações demonstram uma realidade bastante presente. O “rótulo” de que toda jogadora de futsal seja homossexual, e a postura assumida pelas meninas que, na defensiva, utilizam a própria questão da homossexualidade. Essa resposta defensiva, na maioria das vezes, choca quem fez a brincadeira ou o insulto e, com certeza, não ajuda a reverter à situação do estigma da homossexualidade das jogadoras de futsal feminino. Isso abre espaço para outra discussão: constatado que essa realidade é presente, qual seria a melhor maneira de transformá-la? Talvez o maior desafio seja a própria aceitação do problema por parte das meninas, o que poderia abrir espaço para uma discussão mais aberta em relação ao grande desafio de mudar uma realidade constituída, por meio, principalmente, de conversas abertas sobre o problema, e sobre ações que poderiam ajudar a transformar essa realidade.

O fato de haver esse preconceito pode ser oriundo também de um passado, que vem sendo alterado por essas garotas. Antigamente, era sim mais comum vermos mulheres mais masculinizadas praticando o esporte em questão. Contudo, isso vem mudando rapidamente. Hoje em dia as meninas são muito femininas, em sua grande maioria, jogam de esmaltes, cabelos escovados, com batom e lápis de olho. Muitas vezes a arbitragem acaba por ter que chamar a atenção das atletas para que, antes de começar a partida, elas retirem colares, anéis, pulseiras e brincos. (C6): “Tem mulheres que jogam futsal e são assim, são masculinizadas, mas isso ta caindo, ta menos agora!... Quando vamos para os campeonatos, vemos mais é isso, os casais...Posso falar? Sim? Casal das mulheres mais velhas as mais antigas, realmente elas são mais masculinizadas”. (C6): “mas as gurias de agora são bem femininas, se enfeitam e tal. O cara, o juiz, tem que pedir para tirar os troço, brinco, colar e tal!”.

Quando questionadas quanto aos preconceitos vividos dentro da UFRGS, temos uma grande surpresa. Aqui essas mulheres se sentem completamente à vontade, parecem não

sofrerem nenhum tipo de preconceito. Parece ser o lugar ideal para que qualquer menina comesse a sua prática. Contudo, não podemos esquecer que os treinos ocorrem dentro da ESEF, onde as pessoas possuem uma vivência esportiva diferenciada e um conhecimento maior que a população UFRGS quanto ao desporto em questão. Assim, temos que tomar cuidado ao passo de não sermos generalistas em nossa análise quando essas meninas se referem a instituição UFRGS, visto que essa pesquisa não faz referência quanto a análises do que pensam os estudantes da UFRGS quanto a relação mulher X futsal. (S1): “Olha, a UFRGS é uma exceção entre tantos outros clubes e faculdades que existem. Por que na UFRGS eu não vejo tanto essa diferença de gêneros tem apoio para um, tem apoio para o outro”; (P3): “Eu acredito que seja bem parecido o envolvimento com as duas equipes masculina e feminina da UFRGS... é bastante incentivado o futsal feminino. Em todos os horários de treino é liberado o ginásio, os equipamentos, tudo”; (L5): “Mas acho que dentro da UFRGS, agente tem um espaço legal... joguei antes no IPA, lá em bem diferente o tratamento.”.

De acordo com Astarita (2009), a partir das falas das suas entrevistadas se percebe visões diferentes entre as atletas em relação ao futsal universitário. Enquanto uma vê o esporte totalmente sem incentivo e com a queda na quantidade de times envolvidos em competições, outras vêem o esporte muito motivado e crescendo muito no meio universitário.

Contudo, a partir desse cenário apresentado por elas pode-se refletir que em certos momentos elas acabam se sentindo inferiorizadas em relação ao sexo oposto. (J4): “... daí a gente tinha que trocar o dia, pois esse dia era do masculino, e o masculino tinha prioridade... Eu sei que se tiver que ter uma prioridade de horários e dias, o masculino sim tem prioridade. Mas se tiver essa diferença, não é tão explícita assim”; (L5): “Aqui, às vezes tem uma diferença, né? Eles pegam as melhores bolas e matérias. Mas acho que eles sempre nos incentivaram em relação aos campeonatos e etc”; (C6): “Na UFRGS, temos uma equipe mais organizada que o masculino, mais quando eles querem usar o material, querem a quadra, temos que sair, eles tem vantagens, mesmo tendo ganhado menos! Mas pelo menos temos estrutura aqui... estimulam o trabalho da gente”. Essas falas sugerem que se pense que mesmo ao passo de sentirem-se em segundo plano, essas meninas julgam terem um tratamento privilegiado em relação às meninas de outras instituições, assim, sendo gratas e deixando esse fato de lado.

#### 4.4 FUTSAL FEMININO: ALEGRIAS X DECEPÇÕES

Com relação a **Alegrias e decepções quanto ao desporto futsal** temos respostas muito parecidas para todas as meninas. Fato este, que vem a comprovar uma forte relação em torno deste item. A amizade se torna muito importante para elas, pois tem uma forte relação com a força adquirida para superar as barreiras vinculadas ao desporto e seguir em frente. Muitas vezes vítimas de preconceitos e excluídas por serem tidas como diferentes das outras meninas, é nas iguais que elas se apegam com a finalidade de seguir em frente. Contudo, isso muitas vezes, sem que elas sequer notem, acaba por excluí-las mais; pois elas vão se fechando nesse mundo e deixam de abrir portas para relacionamentos fora.

De acordo com Stevaux e Rodrigues (2008), O mais importante é destacar como as meninas encaram a situação de forma conjunta, segundo elas uma sempre apoia a outra, buscando sempre a superação do problema. Dizem ainda que, qual quer que seja o problema, seja ele da equipe ou individual, as meninas sabem que sempre podem contar com as companheiras. Comentam que, muitas vezes, é muito mais fácil para as praticantes compartilharem seus problemas com as companheiras de equipe do que a própria família, pois sabem que as amigas também passam pelas mesmas situações, por experiências parecidas.

Através dos relatos fica claro que para elas as alegrias estão relacionadas a amizades criadas em torno do esporte futsal, viagens com a finalidade de competirem, vitórias por mais simples que seja a partida e por fim, o simples fato de poder estar praticando gera grande alegria para essas meninas. (S1): “Ah eu acho que as maiores alegrias dentro da minha vida foi dentro do esporte, do futsal... porque eu criei um círculo de amizade incrível... Alegrias de vitórias, alegrias de passeios, alegria de jogos, de estar junto com as amigas, com o pessoal que torce”; (A2): “Alegre é participar dos campeonatos, das competições. Ganhar óbvio. Entrar para o time da UFRGS foi uma alegria”; (P3): “Acho que alegria a maior parte é de quando tu tá conseguindo formar um grupo, conseguir fazer amigos dentro do esporte... Tu acaba conhecendo bastante gente, tanto de outros lugares de

outros times. Alegria também é quando tu ganha um jogo importante, quando tu ganha um campeonato”; (J4): “É aquela questão de... de pô tu cria muita amizade dentro do esporte, sabe?... Já conheci a Argentina, fiz viagem de avião... meu pai e minha mãe não sabem o que é um avião, entendeu?”; (L5):

“Minhas maiores alegrias, acho que foram, foi o que o esporte pode me proporcionar, de campeonatos, de vitórias, de viagens... morei um tempo nos Estados Unidos... conheci uns 10 estados do Brasil, jogando... Em relação as alegrias também ganhar algum campeonato importante, ou não importante”;

(C6): “Minhas alegrias é jogar, gosto muito, a cada gol, vibração, tar com as colegas eu gosto! Faço amizade! Minha maior alegria é ter ganhado estudo. Quer mais alegria do que ser a única a ter estudo de facul lá em casa! É muita alegria!”.

As decepções estão fortemente ligadas às derrotas, o não jogar bem, a falta de apoio e ao fato de ter que provar ser boa sempre. (S1): “... perdeu o jogo, decepcionou. Mas também tem a decepção em relação ao apoio que o futsal feminino não tem... tem que correr mais, tem que ter mais força para ter apoio”. (P3): “De decepções... perdeu um jogo importante, não conseguiu ter o resultado que queria, não jogou bem”. (J4): “Bom decepções no esporte, olha são poucas assim, decepção, eu fico decepcionada quando não jogo bem!”. (C6): “Decepção é a realidade que a mulher passa, sabe? Temos que provar tudo sempre, não basta ir bem, tem que vencer, ser a melhor, e ainda ser bonita, se não é machorra, querem que a gente seja feminina e ganhe dentro do campo.”.

Através das análises de nossos relatos encontramos uma forte associação com os estudos de Paim.

[...]Nas falas das(os) atletas ficou claro que o trabalho da mulher atleta não é reconhecido, tal qual é reconhecido o trabalho do homem atleta. Essa questão apareceu associada à exaltação da beleza da mulher atleta. Aqui fica evidente que a aceitação e o respeito ao profissionalismo da mulher atleta ainda não é

uma realidade incorporada por toda a sociedade. Em muitos casos o discurso das mídias legitima essa visão preconceituosa e discriminatória que envolve a mulher no esporte [...]. (PAIM, 2008, p 10)

#### 4.5 FATORES MOTIVACIONAIS LIGADOS À MULHER NO FUTSAL

Ao passo que são indagadas sobre as suas **motivações para a prática**, todas as respostas vão ao mesmo encontro: Amor, dedicação e paixão pelo esporte. Não se torna difícil de imaginar o quanto essas meninas amam praticar o futsal, visto que a fim disso, ultrapassam diversas barreiras, driblam preconceitos e transgridem pensamentos completamente machistas em relação ao desporto. Muitas vezes mais dedicadas que os meninos, de forma a sempre terem que provar para os demais, e a si mesmas, que são boas elas são tomadas por esse sentimento de paixão. Essa faz muitas vezes que elas deixem de lado o fato de serem vítimas de salários mais baixos, falta de espaços adequados, utilizações de matérias de segunda mão, falta de incentivo e de campeonatos regulares e divulgados pela mídia. Para elas falta o entorno do esporte. O que faz do futsal masculino um grande negócio. O entorno, são as vendas de camisa, é o circo que se forma em volta do ginásio em dias de jogo, carrocinhas de lanche, venda de ingresso pelos cambistas, compra de materiais esportivos ligados ao clube pelos torcedores, direito de imagem dos atletas, etc. Isso falta para as mulheres, fato este que vem a demonstrar que num país que julga o futsal ser um desporto do gênero masculino, sim, são as mulheres por persistirem frente às adversidades que são as maiores apaixonadas por esse esporte.

Tais idéias corroboram com Kessler e Zanini (2009), segundo elas em meio a diversos produtos esportivos à venda, o futebol feminino (e muito mais o futsal), são modalidades que ainda não apresentam um desenvolvimento atraente em termos de investimento e organização.

(S1): “Eu acho que, há! Eu amo o futsal. Não tem coisa maior que me motive senão a paixão por esse esporte”; (A2): “Minhas motivações é que eu amo jogar futsal, adoro praticar esse esporte... O amor pelo esporte”; (J4): “Ah! Eu não sei viver sem este esporte!”; (L5): “O que me motiva a continuar praticando o futsal aqui dentro é porque eu gosto muito de praticar... eu sempre gostei de praticar futsal”; (C6): “Minhas motivações são a de jogar em quando der, gosto

desse joguinho, me sinto realmente importante, lá dentro, lá sou boa! Devo ao esporte que deu tudo por mim”.

Tais respostas nos levam a uma reflexão não difícil de ser questionada. Enquanto para os meninos as motivações para a prática são fortemente profissionais (ganhar dinheiro, ser contratado por um grande clube, ser famoso, conhecer o exterior, ser o melhor do mundo, poder dar uma vida melhor para minha família), para as mulheres a motivação está estritamente ligada ao seu prazer de jogar. Então devemos nos perguntar: Será que este fato não está ligado ao de não haver esse leque para elas, será que elas já desistiram de lutar por esse espaço, ou apenas o desconhecem ou acham já normal não existir esse espaço para o mundo feminino. No momento que as motivações femininas estão longe do chamado “negócio do futsal”, fica claramente evidenciado, o quanto esse esporte ainda é tido como amador para as mulheres, fugindo delas motivações de cunho profissional. Resta a elas se apegarem a essência que leva qualquer pessoa amadora a praticar certos esportes, a paixão.

[...]Os resultados sobre o que as atletas consideram mais relevante no seu tempo de prática sistemática apontam que os aspectos emocionais, como o prazer, a diversão, os sentimentos associados a vencer e a perder e a conquista de títulos são mais relevantes para elas do que o aprendizado de habilidades técnicas e táticas, ainda que, de fato, sejam essas últimas o que as capacitam a mais bem jogar futsal. Chama-nos a atenção, também, o dado de as mesmas darem a mesma importância a aprender a chutar, a driblar, a se posicionar, a se movimentar - conteúdos relacionados às habilidades técnicas e táticas -, e desenvolver-se moralmente, que tem a ver com um melhor convívio social. [...]Por extensão, inferimos que as atletas importam-se, num primeiro plano, com sentimentos voltados para si mesmas, como o prazer que têm em jogar, em se divertir, em lidar com as derrotas e vitórias, em alcançar êxito no que fazem; num segundo plano com fatores técnico-táticos e sociais - como aprender a mais bem se relacionar com os outros - e, por último, com a atitude de se fazer novas amizades. [...]A narrativa anterior, pelo menos para os nossos sujeitos, desmente a idéia de que o esporte, quase que exclusivamente, serve como um meio de projeção pessoal. Conquistar títulos, por exemplo, aparece apenas em terceiro lugar na preferência das atletas. Deduz-se que para a maior parte das atletas os anos de prática sistemática do futsal deixaram uma imagem mais associada ao componente lúdico esportivo do que ao de resultado[...]. (SANTANA, 2003, p.48).

#### 4.6 EXPECTATIVAS FUTURAS QUANTO AO FUTSAL FEMININO

As questões ligadas a **Expectativas futuras** são, com certeza, as mais surpreendentes e também entristecedoras. Apenas uma das meninas ainda possui aspiração de vir a se tornar uma jogadora profissional. Para elas o que elas conquistaram já é algo grande, comparado a diversas meninas. Para elas jogar pela UFRGS já é estar em uma equipe grande. Ter conseguido estudo, e estar vinculada a essa universidade já as torna atletas de alto nível perante as meninas de outros clubes. Enquanto que os meninos pertencentes à equipe universitária de futsal da UFRGS são tidos como amadores e longe do profissionalismo. Existe aqui uma discrepância, um abismo enorme que separa esses dois gêneros. Para os meninos o vínculo ao futsal universitário é um início, enquanto que para as meninas é o ápice, aonde apenas as melhores podem chegar. (C6): “... Devo ao esporte que deu tudo para mim!”. Mas o que é esse tudo será que elas se sentem tão longe dos holofotes que o que é o começo para o gênero oposto é o fim para elas, será que a chama por melhorias e respeito já está se apagando, ao passo que para elas esse descaso já é tido como normal. Assim, tudo isso deixa poucas, ou quase nenhuma expectativa futura ligada ao desporto, pois elas já chegaram ao patamar máximo. Resta agora utilizar o pouco que conquistaram, que lembramos, para elas é considerado muito, para seguir um caminho secundário ligado ao desporto. Sobra assim, de forma a continuar ligado ao esporte por elas amado, trabalhar em escolinhas, nas comissões técnicas, ou simplesmente abandonar o desporto e seguir em outras áreas.

(A2): “... Bom, como eu não faço o curso de Educação Física não pretendo continuar... ser uma jogadora profissional. Pretendo jogar enquanto estiver na faculdade”; (P3): “Quanto ao futsal eu pretendo jogar aqui na UFRGS só enquanto eu estiver fazendo faculdade, mas depois que eu sair não sei se vou trabalhar com futsal, por que é um mercado muito restrito”; (J4): “... O futsal feminino no Brasil é perda de tempo... Realmente não sei se vou trabalhar na área do futsal”; (C6): “Pretendo não ser profissional, acho que to noutra nível, to ganhando, sai na frente, estudei, não preciso ser jogadora”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a analisar os fatores que levaram atletas universitárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) à prática do futsal. Realizou um estudo acerca de sua iniciação esportiva no futsal, suas alegrias, decepções e expectativas.

Especificamente se buscou verificar como se deu o processo de iniciação dessas meninas no futsal; verificar a participação da família na modalidade esportiva escolhida pela atleta (futsal); investigar os preconceitos vivenciados por elas ao longo da sua prática frente ao futsal; averiguar as alegrias e /ou decepções experimentadas pela prática do futsal; constatar os fatores que as motivam a jogar futsal; verificar as suas expectativas quanto ao futsal.

Para tanto foram entrevistadas seis atletas da equipe universitária de futsal feminino da UFRGS. A pesquisa é um estudo de caso e faz um corte qualitativo tendo na entrevista semi-estruturada seu principal instrumento de captação de informação. A análise dos dados foi realizada a partir do diálogo entre os depoimentos das atletas com a literatura: Mulher e o esporte no mundo, Mulher e o esporte no Brasil, Mulher e o futsal e Pesquisas relacionadas à mulher e o futsal. Os resultados foram divididos em seis categorias de análise: 1.Mulheres, futsal e iniciação; 2.Mulheres, futsal e família; 3.Preconceitos e futsal feminino; 4.Futsal feminino: Alegrias X decepções; 5.Fatores motivacionais ligados à mulher no futsal e 6.Expectativas futuras quanto ao futsal feminino.

Na primeira categoria Mulheres, futsal e iniciação, ficou claro que as primeiras experiências das entrevistadas geralmente ocorreu na rua, colégios ou ainda em algumas escolinhas. Das 6 entrevistadas 3 tiveram seus processos de iniciação vinculados às ruas, 2 vinculado à escola, e 1 ligado a um clube. Cabe ainda ressaltar que na grande maioria das vezes elas começaram a jogar em meio aos meninos. Esse fato demonstra o quanto o futsal feminino vem sendo renegado em seu processo de iniciação, o quão difícil é ele estar vinculado em escolinhas, clubes e até mesmo ao colégio. Restando para aquelas que gostam dessa vivencia esportiva praticá-lo em meio ao sexo masculino. Isso demonstra que desde a

iniciação as meninas levam desvantagens e tem que se superarem, a fim de alcançar a prática almejada. As respostas das entrevistas demonstram também que o processo de iniciação da grande maioria das mulheres esta vinculado a uma chance de crescer socialmente. Uma parte dessas meninas vem de famílias humildes e através do futsal tiveram a chance de estudar em um colégio particular ou ter um estudo mais adequado, nos quais os pais não teriam chance de custear.

Na segunda categoria Mulheres, futsal e família observou-se a resistência que ainda existe dentro do núcleo familiar quanto a participação do sexo feminino junto ao futsal. Constatou-se em algumas o apoio por parte da mãe, por parte do pai, avô e namorados. Das pesquisadas 2 (duas) tiveram apoio por parte da mãe, 2 (duas) da família em geral, 1 (uma) teve apoio oriundo do pai e (1) uma do avô. Através dos relatos ficou claro que as meninas que possuíam namorados sempre contaram com o apoio desses a fim de perpetuar no futsal.

Na terceira categoria Preconceitos e futsal feminino podemos dizer que apenas uma das entrevistadas nunca sofreu com problema (preconceito), em contraponto as demais. Primeiramente, elas falam sobre os preconceitos gerais vividos pelas mulheres em torno do esporte e Futsal. Aos poucos falam dos preconceitos vivenciados por elas. Esse fato demonstrou o quão delicado é esse assunto, e o tanto difícil é para essas meninas conviver com essa realidade. Evidenciou-se que existe também o preconceito relacionado às diferenças que são feitas entre a mídia de divulgação em relação aos gêneros masculino e feminino, as promessas que sempre são feitas em relação às mulheres nos esportes tidos culturalmente como masculinos nunca se cumprem. Demonstrou-se que elas estão em busca de campeonatos, treinos, ou seja, uma vida de atleta. Em contraponto o que encontram são apenas promessas vazias, e a desilusão de ter que trabalhar em outras funções (domésticas, caixas, auxiliares e garçonetes) para se sustentarem. Ao falarem sobre os preconceitos sofridos por elas mesmas, a partir das respostas, refletiu-se que, na sua grande maioria, estão relacionados à sexualidade. Essas situações demonstrou uma realidade bastante presente: O “rótulo” de que toda jogadora de futsal é homossexual. Questionadas quanto aos preconceitos vividos dentro da UFRGS, nos deixaram surpresos. Dentro da universidade essas mulheres se sentem completamente à vontade e parecem não sofrer

nenhum tipo de preconceito. Para elas é o lugar ideal para que qualquer menina comesse a sua prática.

Na quarta categoria Futsal feminino: Alegrias X decepções através dos relatos ficou claro que para as entrevistadas as alegrias estão relacionadas a amizades criadas em torno do esporte futsal, viagens com a finalidade de competirem, vitórias por mais simples que seja a partida e, por fim, o simples fato de poder estar praticando gera grande alegria para essas meninas. Fato muito importante de ser analisado e estudado por pesquisas futuras é que muitas vezes vítimas de preconceitos e excluídas por serem tidas como diferentes das outras meninas, é nas iguais que elas se apegam com a finalidade de seguir em frente. Contudo isso muitas vezes, sem que elas sequer notem, acaba por excluí-las mais; pois elas vão se fechando nesse mundo e deixam de abrir portas para relacionamentos fora. Já as decepções estão fortemente ligadas às derrotas, o não jogar bem, a falta de apoio e ao fato de ter que provar ser boa sempre.

Na quinta categoria Fatores motivacionais ligados à mulher no futsal todas as respostas vão ao mesmo encontro: Amor, dedicação e paixão pelo esporte. A fim de praticar futsal elas ultrapassam diversas barreiras, driblam preconceitos e transgridem pensamentos completamente machistas em relação ao desporto. A paixão que elas possuem pelo futsal faz com que elas deixem de lado o fato de serem vítimas de salários mais baixos, falta de espaços adequados, utilizações de matérias de segunda mão, falta de incentivo e de campeonatos regulares e divulgados pela mídia. Ficou claro também que para elas falta o entorno do esporte. A pesquisa demonstrou também que enquanto que para os meninos as motivações para a prática são fortemente profissionais (ganhar dinheiro, ser contratado por um grande clube, ser famoso, conhecer o exterior, ser o melhor do mundo, poder dar uma vida melhor para sua família), para as mulheres a motivação está estritamente ligada ao seu prazer de jogar. Estando as motivações femininas longe do chamado “negócio do futsal”, ficou evidenciado o quanto esse esporte ainda é visto como amador para as mulheres, fugindo delas motivações de cunho profissional. Ao passo que tal aspecto não era objetivo central, da pesquisa em questão, não foi de todo investigado deixando aqui um ‘buraco’ a ser preenchido por pesquisas futuras.

Na última categoria analisada Expectativas futuras quanto ao futsal feminino os resultados foram os mais surpreendentes e também entristecedores. Apenas uma das meninas ainda possui aspiração de vir a se tornar uma jogadora profissional. Para elas, o que elas conquistaram já é algo grande, comparado a diversas meninas. Para elas jogar pela UFRGS já é estar em uma equipe grande. Ter conseguido estudo, e estar vinculada a essa universidade já as torna atletas de alto nível perante as meninas de outros clubes. Em controvérsia, os meninos pertencentes à equipe universitária de futsal da UFRGS são tidos como amadores e longe do profissionalismo. Segundo a pesquisa existe aqui uma discrepância, um abismo enorme que separa esses dois gêneros. Para os meninos, o vínculo ao futsal universitário é um início, enquanto que para as meninas é o ápice, aonde apenas as melhores podem chegar. Nesta categoria fica em aberto algumas questões: Será que as mulheres vinculadas ao futsal se sentem tão longe dos holofotes que onde é o começo para o gênero oposto é o fim para elas? Será que a chama por melhorias e respeito já está se apagando, ao passo que para elas esse descaso já é tido como normal? Será que existem para elas expectativa futura ligada ao desporto ou realmente elas já chegaram ao patamar máximo? Ficou claro neste estudo que para as meninas entrevistadas, com exceção de uma resta agora utilizar o pouco que conquistaram, que lembramos, para elas é considerado muito, para seguir um caminho secundário ligado ao desporto. Para elas continuar vinculadas ao desporto futsal significa trabalhar em escolinhas, nas comissões técnicas. É citado também como solução abandonar o esporte e seguir em outras áreas.

## REFERÊNCIAS

- ASTARITA, Paula Engelman. **Incentivos e dificuldades vivenciados por atletas do futsal feminino universitário**. Porto Alegre, 2009.
- BANDEIRA, Tânia L. **Futsal e futebol feminino: perspectivas**. 14/08/2007. Disponível em: <<http://www.cidadedofutebol.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2009. 15:00.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CHIÉS, Paula V. **Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante! A História das Mulheres nos Jogos Gregos**. Movimento, Porto Alegre, v.12, n.03, p.99-121, set./dez. 2006.
- DALLAGO, Daniela D. **Mulher e Futsal - Antagônicos ou não?**. Disponível em: <<http://www.kindermannfutebol.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2009. 15:30.
- DOMENEGHINI, Marinez. **Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário**. Porto Alegre, 2007.
- DRINKWATER, Bárbara L. **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 526p.
- Ferreira, José Ribeiro - A Grécia Antiga. Sociedade e Política. Lisboa: Edições 70, 2ª edição, 2004.
- FUTSAL BRASIL. **História do Futsal**. Disponível em: <<http://www.futsalbrasil.com.br/historia.php>>.2006. Acesso em: 28 out. 2009. 18:30.
- GAYA, Adroaldo. **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GOELLNER, Silvana V. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e intermediações elas fazem a história**. Pensar a Prática, v.8, n.1, p.165-86, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/>>.Acesso em: 28 out. 2009. 14:00.
- JAEGER, F.P. Infância e Relações de Gênero. In: STREY, Marlene N.; AZAMBUJA, Mariana P.R.; JAEGER, Fernando P. (Orgs). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.291-315.
- JUNIOR, Nicolino B.; ALVES, Ubiratan S. **Futsal: Conceitos Modernos**. São Paulo: Phorte, 2008.
- KESSLER, Claudia; ZANINI, Maria Catarina. **Contar ou não contar? As narrativas de jogadoras de futebol em Santa Maria- RS**. Mouseion, vol. 3, n. 6, Jul/Dez 2009.
- KNIJNIK, Jorge D. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LOVISOLO, Hugo; SOARES, A.J.; BARTHOLO, T.L. **Feministas, mulheres e esporte:** questões metodológicas. Movimento, Porto Alegre, v.12, n.03, p.165-191, set./dez. 2006.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAIS, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: A diferença que faz uma medalha de prata.** Disponível em <[www.revista.ufg.br/index.php/fe/article/view/167/1374](http://www.revista.ufg.br/index.php/fe/article/view/167/1374)> Acesso em: 27 set. 2010. 18:00.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 269 p

MONTEIRO, Ricardo. **A deficiência da aquisição de habilidades específicas para o futsal em mulheres contrapondo a situação prática da Educação Física infantil brasileira:** Uma abordagem perceptivo-motora”. Disponível em: <<http://www.futsalbrasil.com.br/>>. Acesso em: 27 out. 2009. 18:00.

PAIM, Maria Cristina C. et al. **A representação social da violência de gênero no contexto esportivo:** um olhar a partir de atletas de futsal. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Revista Digital, Buenos Aires, Año 13, n.121, Jun. 2008. Acesso em: 30 out. 2009. 14:00

PAIM, Maria Cristina C.; STREY, Marlene N. **A face oculta das violências contra a mulher no contexto esportivo.** Disponível em : <<http://www.efdeportes.com/>>. Revista Digital, Buenos Aires, Año 12, n.117, Feb. 2008. Acesso em: 28 out. 2009. 15:00.

ROSELEN, Marta. **Futsal Feminino. A motivação para o esporte em atletas universitárias de futsal feminino.** 2006. Disponível em: <<http://www.futsalbrasil.com.br/>>. Acesso em: 6 nov. 2009. 17:00.

RUBIO, Kátia; SIMÕES, A.C. **De espectadoras a protagonistas. A conquista do espaço esportivo pelas mulheres.** Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/>>. Movimento, Ano V, n.11. 1999. Acesso em: 29 out. 2009. 19:00.

SANCHES, Vanda C.; BORIM, Jayne M. **História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná.** Disponível em: <<http://www2.unopar.br/>>. Acesso em: 28 out. 2009. 20:15.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Futsal feminino:** perfil e implicações pedagógicas. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, v.11, n.4, p.45-50, out./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.pedagogiadofutsal.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2009. 14:00.

SARAIVA, Maria C. **Co-Educação Física e Esportes:** Quando a diferença é mito. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2 ed, 2005.

STREY, M.N. Gênero. In: STREY, M.N. et al. **Psicologia Social Contemporânea**: livro texto. Petrópolis: Vozes, 1998.

STEVAUX, Ricardo Peixoto; RODRIGUES, Cae. As questões de gênero no futsal feminino. São Carlos, 2008. Disponível em [www.isad.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/771\\_759.pdf](http://www.isad.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/771_759.pdf) Acesso em 2 nov. 2010. 13:00.

TAFFAREL, Celi N. Z.; FRANÇA, Tereza L. **A MULHER NO ESPORTE**: o Espaço Social das Práticas Esportivas e de Produção do Conhecimento Científico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.15, n.3, p.235-246, jun.1994.

TEIXEIRA, M.S.; MOORE, F.E. In: **A mulher e o esporte**: a experiência dos municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo: relatório final. [Rio de Janeiro: Instituto. Noos de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais, 2008]. p.192-195.

TORRES, Newton. **Futsal Feminino - Crescimento a galopes**. Goiás, 2006. Disponível em: <<http://www.ferretifutsal.com.br/>> . Acesso em 25 out. 2009. 14:30.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M.J.G. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VILANE, L.H.P.; SAMULSKI, D.M. **Família e esporte: Uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes**. 2002.

VOSE, R.C. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. Editora ULBRA, 2003. 172p.

## **ANEXO 1: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

Comente como foi o seu processo de iniciação no futsal

Fale sobre a participação da sua família relativo a tua participação no futsal

Tu poderias falar um pouco sobre preconceitos e futsal feminino

Comente suas alegrias e decepções no futsal

Fale sobre as tuas motivações para a prática do futsal

Comente sobre suas expectativas futuras no futsal

**ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**



#### Termo de Consentimento

“Fatores que Levam Atletas Universitárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a Prática do Futsal: Um estudo acerca de sua iniciação, alegrias, decepções e expectativas”.

Eu, \_\_\_\_\_

\_, concordo em participar deste estudo, sabendo que o mesmo objetiva analisar os fatores que levam atletas universitárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) à prática do futsal. Estou ciente de que esta pesquisa se faz relevante, para a área da Pedagogia e Psicologia do esporte, visto que conhecendo o universo que permeia a participação da mulher no esporte, será possível tomar decisões e estratégias de intervenção pedagógica com maior precisão, fazendo que as mulheres se sintam mais seguras e participativas dentro do esporte. Eu compreendo que minha participação é inteiramente voluntária, Recebi informações específicas sobre os procedimentos nos quais estarei envolvida (entrevista). Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento. Além disso, sei que novas informações, obtidas durante o estudo, me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, em face dessas informações. Também me foi garantido pelo pesquisador, sigilo, assegurando a privacidade dos dados envolvidos na pesquisa.

Caso tiver alguma dúvida, posso entrar em contato com o pesquisador responsável Cristiano Maser, pelo fone 0 XX 51 81040101, com meu orientador Dr. Rogério da Cunha Voser pelo fone 0 XX 51 33626318 ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS pelo fone 0 XX 51 33084085.

Declaro ainda, que recebi cópia do presente consentimento.

\_\_\_\_\_

Assinatura do paciente

Nome

Data

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura do investigador

Nome

Data

Este formulário foi lido para

\_\_\_\_\_ em

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/ pelo

\_\_\_\_\_ (nome do pesquisador)  
enquanto eu estava presente.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura de testemunha

Nome da Testemunha

Data

**ANEXO 3: AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Eu Dr. Rogério da Cunha Voser (nome do orientador), sendo o coordenador do Projeto “Futsal Universitário” ligado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, venho por meio deste liberar o pesquisador Cristiano Masera (nome do pesquisador), realizador da pesquisa que tem por nome FATORES QUE LEVAM ATLETAS UNIVERSITÁRIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL A PRÁTICA DO FUTSAL: UM ESTUDO ACERCA DE SUA INICIAÇÃO, ALEGRIAS, DECEPÇÕES E EXPECTATIVAS a realizar sua pesquisa junto ao meu projeto.

---

**Assinatura do Coordenador**

**Rogério da Cunha Voser**

**Nome do coordenador**

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Data**

## **ANEXO 4: ENTREVISTAS**

## **ATLETA 1 = S1**

### **1- Comente como foi o seu processo de iniciação no futsal.**

**S1** – Bom... ah, eu sempre jogava na rua, né, com os meninos e tal desde pequena. Ai, um dia minha mãe teve a idéia de me colocar numa escolinha. Ah, na escolinha do Grêmio até então, que era a que existia naquele tempo. Aí eu fiquei acho que um ano. Ta! Depois passei para a escolinha do Inter, que a escolinha do grêmio acabou. Daí fui para escolinha do inter, era até mais organizada tudo. Assim que eu iniciei, foi por que eu gostava mesmo de futsal e minha mãe decidiu, até com o meu consentimento, que eu poderia treinar para isso, assim, me divertir treinando também.

### **2 –Fale sobre a participação da sua família relativo a tua participação no futsal.**

**S1** – Bom, eu moro só com minha mãe, meu pai mora em outro estado, então foi ela a minha maior incentivadora. Nunca tive problemas de não poder jogar, por causa de mãe, por causa de família, ate pq foi ela que deu a idéia de eu começar a praticar, assim, não profissionalmente, mas para aprender em escolinhas e tal. Ela que deu o primeiro passo por mim, em jogos, em treinos sempre ela estava presente quando eu era menor, teve muita dificuldade para me manter dentro da escolinha mas mesmo assim nunca desistiu e nunca me fez desistir. Ate hoje ela me apóia quanto a isso pq ela gosta muito de esporte, então como eu sempre gostei de futsal, ela achou ótimo, então: ‘vou te colocar numa escolinha e tu vai aprender, fica no esporte, não precisa pensar em outra coisa’, que mãe sempre pensa, né, que ta no esporte vai estar fazendo a coisa certa. Eu agradeço para ela ate hoje, por te me levado para esse meio porque me trouxe muita felicidade, muita felicidade mesmo.Ah, até como eu disse até hoje ela acompanha meus jogos, não com tanta freqüência como

antigamente, mas nenhum momento ela foi uma barreira para prática, para minha prática de futebol.

Então, minha família também, mais por parte de mãe, por que eu não tenho contato com a família do meu pai, mas a minha família por parte de mãe, sempre assim que sabiam dos jogos, que sabiam que eu tava jogando, sempre procuravam saber como que tava, se tava tudo legal. Também nunca foram empecilho, não que apoiavam, mas também não desapoiavam. Sempre ficavam sabendo, estavam a par e estavam gostando, mas nunca sofreu com isso.

### **3- Tu poderias falar um pouco sobre preconceitos e futsal feminino?**

**S1** – No Brasil, o futsal, em geral, é um esporte masculino. Então, eu acho que eu até tenho sorte por ter nascido na época que eu nasci. Por que antigamente as mulheres eram bem mais, sofriam bem mais esse tipo de coisa. A mulher que joga futsal ela sofre sempre preconceito de pessoas que não tem nenhum tipo de conhecimento, até pessoas que não meio, colegas também, em relação ao esporte que é o futsal pelo fato que ele é masculinizado. Eu, particularmente, já sofri, sim, certo preconceito por jogar futsal. Na escola era direto: ‘a guriazinha joga futsal, é um gurizinho’. Sempre essa correlação da guriazinha que joga futsal pra homem. O futsal é igual a homem. Para a maioria das pessoas não, mas para quem não tem conhecimento do que é realmente o futsal feminino. Nunca fui xingada, pelo menos fora de jogo (risos), na minha vida pessoal. Mas eu senti bastante na escola mesmo que eu ia com o uniforme da escolinha mesmo, às vezes, eu não tinha tempo pra trocar. E aí, aqueles olhares meio assim...: ‘ah, a guriazinha tá de calção, aí guriazinha tá de meia, aí a guriazinha é um guri’. Sofri um pouco com isso, não vou negar. E muita gente sofre e até hoje sofre. Até mesmo na faculdade, às vezes, as pessoas, na nossa faculdade, que tem conhecimento do esporte, que estão fazendo a faculdade de Educação Física para serem futuros professores, tem certos preconceitos com o futebol, futsal feminino. Em olhares, em palavras...ah...até mesmo gestos. Até mesmo brincadeiras; brincadeiras que tem um fundo, né? Então, é bem complicado. Olha, a UFRGS é uma exceção entre tantos clubes e faculdades que existem. Por que na UFRGS eu não vejo tanto essa diferença de gêneros ou tem o apoio para um, tem o apoio para outro. Assim como, tem o apoio para o basquete, independente se ele é feminino

ou masculino. Então, dentro da faculdade eu não vejo isso. Os diretores, quem cuida desse departamento, estão de parabéns, por que a gente tem – na medida do possível, né por que a faculdade é uma faculdade federal, e os recursos são escassos – mas, na medida do possível, a gente tem o apoio suficiente.

#### **4- Comente suas alegrias e decepções no futsal.**

**S1-** Ah, eu acho que as maiores alegrias que eu tive na minha vida foi dentro do esporte, do futebol, do futsal, com certeza. Por que eu criei um círculo de amizades incrível; é uma integração muito boa o que traz o futsal, o futebol, né? Alegrias de vitórias, alegria de passeios, alegria de jogos, de estar junto com as amigas, com o pessoal que torce. Até os times que vão jogar, de estar torcendo eles times... tudo isso trouxe muita alegria, muita satisfação, eu me sinto muito satisfeita com o futsal. Mas também as decepções existem. As decepções, eu acho até que é mais pelo meio competitivo, não pelo pessoal. Por que eu sou uma pessoa bem competitiva. Aí, ah...ninguém gosta de perder; perdeu o jogo, decepcionou. Mas também tem a decepção em relação ao apoio que o futsal feminino não tem, o futsal feminino não tem. Isso é uma coisa que me decepciona muito também. Por que a luta que a gente tem que fazer para conseguir uma bola; tem que correr mais, tem que ter mais força para ter o apoio de um diretor de não sei onde para fazer um jogo. Enquanto no futsal masculino, tu conversa com alguém, tu tem bem mais gente que apóia. Isso me decepciona muito também, esse apoio que o futsal feminino não conseguiu até hoje conquistar.

#### **5 –Fale sobre as tuas motivações para a prática do futsal.**

**S1** – Eu acho que, bah! Eu amo o futebol, eu amo o futsal. Não tem coisa maior que não me motive senão a paixão por esse esporte. Por que, ah, almejei já muitas coisas, muitas coisas não aconteceram, mas não deixei me desmotivar por isso, não larguei o esporte. Então, eu não sei se eu sou teimosa ou se realmente eu gosto muito de jogar futsal. Então, uma das motivações é essa, assim, é muito mais intrínseco, não extrínseco de ‘ah, tu tem que ir!’, não, é uma coisa que vem dentro de mim que eu não sei explicar direito.

## **6- Comente sobre tuas expectativas futuras no Futsal.**

**S1** – Bom, ah..meio difícil falar sobre as expectativas futuras, né, por que eu já tenho 21 anos, vou fazer 22. Eu sempre desejei participar de uma equipe grande. Eu vejo a UFRGS como uma equipe grande, no momento. Ah, não tem tanto retrospecto, por que começou não faz muito tempo, né, não tem nem 5 anos que a equipe feminina da UFRGS ta aí. Mas eu tenho sim esperança de jogar em um clube ou numa equipe de grande porta, não tenho isso como objetivo, não foco muito nisso, mas eu gostaria, gostaria com certeza de estar jogando. Parar, eu não vou parar tão cedo, né, espero. Mas esperança de estar numa equipe grande eu ainda tenho, pelo menos até os 25 anos eu vou dar uma tentada.

Hoje eu até já trabalho com isso, com Futsal. Mas pretendo também trabalhar com Futebol por que os dois campos, tanto Futebol quanto Futsal me atrai muito. Então, me vejo trabalhando nisso, sim; não sei se na parte técnica ou na parte física, mas quero estar dentro dessa profissão.

## **ATLETA 2 = A2**

### **1- Comente como foi o seu processo de iniciação no futsal.**

A2 – Eu comecei jogar no colégio. Na primeira série, foi o primeiro contato; jogava com os guris porque não tinha futsal feminino na Educação Física do colégio.

### **2- Fale sobre a participação da sua família relativo a tua participação no futsal.**

A2- Meu pai – não falo muito -, ele adora futsal, mas ele não acompanha, não acompanhava praticamente. Quem me dava apoio mais era minha mãe. Minha mãe foi a alguns jogos, ela que me levava, me buscava. Não que ela goste que eu jogue, mas ela me apóia. Nossa família, meus irmãos não apóia nem desapoia... Mas minha família é minha mãe, mais.

### **3 – Tu poderias falar um pouco sobre preconceitos e futsal feminino?**

A2 – Preconceito geral da mulher? Meu vivenciado no colégio não tive. Quando eu fiz cursinho no Unificado, uma vez, eu já tive preconceito num jogo, como eu jogava melhor que as gurias, a torcida da outra equipe ficou me xingando, me chamando de homenzinho. Eu acho que ainda existe em algumas pessoas que eu acho que não tem muito conhecimento. Tem bastante preconceito entre os homens com as mulheres, mas eu acho que diminuiu bastante. O pessoal que trabalha nessa área, eu acho, que já não tem tanto preconceito. Olha eu não sei muito, como eu não convivo com o pessoal da coordenação, por que eu sou de outro curso, não sei te dizer... Eu acho quese como, as vezes, vem poucas gurias no treino, os guris tem mais privilégio de quadra. Sempre tem mais privilégio, tipo,

ano passado principalmente, eles sempre tem um bando de guri ali, nós às vezes tinha 6 para treinar, daí a gente liberava a quadra grande para eles jogar e íamos treinar em outro lugar. Fora isso não vi nada. Nos campeonatos tivemos o mesmo apoio deles, do coordenador.

#### **4- Comente suas alegrias e decepções no futsal.**

**A2-** Alegre é participar dos campeonatos, das competições. Ganhar óbvio. Entrar para o time da UFRGS foi uma alegria. Quando eu tava no colégio, uma das decepções foi não poder jogar o estadual por que minha mãe não quis. Acho que isso. Maior decepção foi não poder ter jogado.

#### **5- Fale sobre as tuas motivações para a prática do futsal.**

**A2-** Minhas motivações é que eu amo jogar futsal, adoro praticar esse esporte. E o time da UFRGS é uma coisa que me motiva, junto com as competições universitárias, a continuar treinar. O amor pelo esporte.

#### **6- Comente sobre tuas expectativas futuras no futsal.**

**A2** – Minhas expectativas... Bom, como eu não faço nenhum curso de EFi, não pretendo continuar, fazer do futsal um..., levar para frente, ser uma jogadora profissional. Pretendo jogar enquanto eu estiver na faculdade, simplesmente por gostar de jogar. É isso, não pretendo me tornar profissional nessa área nem nada. Jogo simplesmente pelo amor de jogar.

(E – Não tem interesse de receber uma bolsa para jogar no exterior, jogar nos USA, numa universidade fora?) Já pensei nisso, acho que agora não entra nos objetivos... Acho que se eu tiver uma oportunidade dentro do meu curso de viajar para fora eu do prioridade para ela.

## **ATLETA 3 = P3**

### **1- Comente como foi o seu processo de iniciação no futsal.**

**P3** – Eu comecei jogando campo na escolinha do Inter, aliás, comecei na do grêmio e depois fui pro Inter, não tinha futsal no meu colégio, eu jogava futebol com os guris. Ai quando eu fui para outro colégio, no Aplicação, lá tinha futebol, futsal a gente participava de campeonato escolar e nisso eu continuava na escolinha do Inter. Mas lá dentro era mais futebol de campo. Lá dentro era muita panelinha, assim, aí eu fui cansando dos treinamentos e saí. Ai a gente continuou outros campeonatos escolares pelo colégio. Enfrentamos algumas vezes.... voltei para jogar futebol de campo e não deu certo realmente. Daí eu entrei na UFRGS e já jogava futsal, mas era uma base completamente diferente daqui tem aqui. E logo que eu entrei encontrei um professor que tava me dizendo que tava começando o time, que ia ter peneira. Ele disse para eu vir participar, em 2007, no primeiro semestre, que foi quando começou futsal aqui. Ai eu entrei e to desde então no time. Que vem mudando bastante , vem trocando todo ano.

### **2- Fale sobre a participação da sua família relativo a tua participação no futsal.**

**P3-** O meu vô que me incentivava a jogar, que me levava para os teinos, para tudo. Ele até que me pagava quando eu fazia escolinha, me levava pro treino quando jogava no time. A minha mãe não gostava muito, ela sempre era contra. Ai, ela nunca gostou ate que um dia ela meio que se convenceu que eu ia acabar jogando, ai ela começou a assistir um pouco. Mas ela ainda, agora ela já é mais a favor. Meu avô adora, meus pais, assim, meu pai também, mas ela às vezes ainda fala alguma coisa:’ Ah! por que tu não vai para outro esporte? Por que não pratica outra coisa?’ Ela não gosta muito, mas ela ta melhorando. Mas

ela nunca disse pra eu não participar, que não era pra eu ir. Ela só não gostava muito. Mas ela não me fazia não ir jogar. Logo que eu entrei na faculdade eu tava namorando, daí eu participava dos campeonatos.... Ele gostava mais ou menos por que muitas vezes fim de semana tinha jogo, ou ele ia e tinha que ficar assistindo. Mas ele não era contra eu participar, mas não gostava por causa do tempo que perdia, principalmente fim de semana que é quando acontecem campeonatos. É, mais isso daí... Mais pelo tempo que perdia, não pela convivência do grupo.

### **3 – Tu poderias falar um pouco sobre preconceitos e futsal feminino?**

**P3-** Eu acredito que no esporte geral tem bastante preconceito contra a mulher quanto à mulher participar. Mas um pouco eu entendo, por causa da cultura que tem o esporte no mundo, não só no Brasil. Mas em cada país é um esporte diferente que tem esse preconceito, eu acho. No Brasil, é principalmente no futsal, por o Brasil ser conhecido como o país do futebol. Então, todo guri nasce jogando, mas a mulher fica excluída disso, e todo mundo acha normal. Então para a mulher participar de poder jogar, ela acaba tendo que jogar com os gurus, como eu também falei que comecei a jogar na minha infância. Mas eu acho que acaba não tendo preconceito com quem joga bem, por que gurias que não joga bem e quer jogar contra os gurus ela acaba sendo excluída. E no futsal eu não vejo tanto preconceito, eu vejo mais preconceito de quem joga, tipo homem que joga falando de mulher que joga. Mas eu acredito que o futsal, principalmente, sofre muito preconceito por que ele é muito desorganizado. É uma várzea total. E...Aí acaba desorganizando tudo e todo mundo acaba falando. E realmente é verdade, é muito desorganizado, geralmente as gurias que jogam futsal são muito masculinizadas....E acabam....Como é desorganizado fica cada vez pior. E eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito e não vi ninguém sofrendo. Mas eu acho que tem algumas que sofrem bastante. Eu acredito que seja bastante parecida, o envolvimento com as duas equipes masculinas feminina e masculina da UFRGS. Com a equipe masculina e feminina. Ate não vejo nenhuma discriminação, de diminuir o treinamento das gurias ou dar menos infra-estrutura, muito pelo contrário, é bastante incentivado o futebol feminino, o futsal feminino. São chamadas meninas para participar,da pós-graduação, são convidadas para jogar futsal. Em todos horários de treino é liberado o

ginásio, os equipamentos tudo. Acredito até que o futsal feminino é mais visto, aqui dentro, que o masculino...de falar, de ver as pessoal comentando de treinos do futsal feminino, bem mais que o futsal masculino, inclusive nos campeonatos.

#### **4 – Comente suas alegrias e decepções no futsal.**

**P3** – Acho que alegria, a maior parte é de quando tu ta conseguindo formar um grupo, conseguir fazer amigos dentro do esporte. Não só as colegas de time, mas o pessoal da comissão, quem vai assistir. Tu acaba conhecendo bastante gente, tanto de outros lugares, de outros times. Alegria também quando tu ganha jogo importante, quando tu ganha campeonato. Mais de vitórias assim no grupo, de conquistas de amizade.

De decepções acredito que sejam as coisas pouco passageiras... Ah! Perdeu jogo importante, não conseguiu ter o resultado que queria, não jogou bem, às vezes, ah...brigou com alguém, mas depois passou. Xingou no jogo, brigou com o treinador!’. Mas acredito que é coisas que passam logo em seguida, depois do jogo. Nada que vai te levar pessoalmente, a piorar tua vida no dia-a-dia, coisa assim.

#### **5 – Fale sobre as tuas motivações para a prática do futsal.**

**P3-** O que motiva, realmente, é estar em grupo e querer ganhar alguma competição com a UFRGS. É mais isso, por que não tem mais expectativas quanto ao futsal, aí... É mais por estar e conhecer as pessoas, estar junto com o grupo.

#### **6 – Comente sobre tuas expectativas futuras no Futsal.**

**P3-** Quanto ao futsal eu pretendo continuar jogando aqui na UFRGS só enquanto estiver fazendo a faculdade. Mas depois que eu sair não sei se vou trabalhar com futebol, com futsal, por que é um mercado muito restrito, especialmente aqui no Rio Grande do Sul. Só se eu for me interessar mesmo e começar a trabalhar ou em outro estado ou no exterior, mas jogar não é uma coisa que realmente seja minha motivação, não é trabalhar com futebol. Só

se for para trabalhar fora daqui. Lógico que tem que começar por aqui, mas, não é o que eu pretendo para o meu futuro profissionalmente, quando eu estiver já formada.

## **ATLETA 4 = J4**

### **1- Comente como foi o seu processo de iniciação no futsal.**

**J4-** Bom, eu tinha acho uns 8 anos. Na verdade eu gostava de ficar na rua , né? Jogando bola com os guris. Normal! Toda mulher começa com os guris. Era difícil achar monte de meninas; hoje em dia tem mais meninas jogando futebol, né! Antigamente não se tinha tantas. No colégio, né! Jogava com os meninos e tal...daí eu contei para o pai que gostava de jogar, ele sabia que eu gostava de jogar. Mentia que ia andar de bicicleta na rua e quando ele ia olhar eu tava jogando futsal com os guris. E era aquela coisa: ele não gostava pela questão de ser uma menina no meio dos meninos, então, foi assim, no início foi um impacto. Mas meu pai sempre me apoiou no esporte, independente de ser futebol ou vôlei, eu sempre jogava tudo, né? E então eu tinha 8 anos quando eu fui colocada na escolinha, né, que até foi no SESC, de Porto Alegre, com os meninos. Jogava campo e futsal também. Foi bem legal assim, por que era uma coisa nova pra eles, o pessoal do SESC. Quando eu ia treinar os guardinhas do SESC desciam lá no ginásio assistir por que era o máximo uma gurria jogando no meio dos meninos, fazendo gol. E daí assim eu fui indo, com o futsal masculino. Daí eu fiz minha primeira escolinha feminina com 12 anos, acho....é 12 anos na escolinha do Inter.....não, mentira, 10 anos; daí eu fiquei até os 12 anos. Eu jogava no futsal, no Inter. E aí com 12 anos eu fui pro triatletismo na SOGIPA, corria provas de meio fundo e lançava dardos também. Daí eu fiquei dos 12 aos 15 (anos) na SOGIPA; daí eu recebi uma proposta de bolsa no colégio Farroupilha aqui de Porto Alegre, para jogar futsal. Como eu estudava em um colégio público em Viamão, né, a diferença de estrutura é bem grande. Daí eu fiquei no Farroupilha jogando futsal. E dali eu vim para UFRGS, no momento que eu passei no vestibular, eu vim treinar aqui na UFRGS. Mas eu já jogava outros campeonatos com outros times. Em 2008 fui goleadora no Metropolitano jogando

pelo time da Duda...Eu nem sabia quem era o time... Me botavam lá e as gurias treinavam, e ai jogar. Daí no Porto Alegre comecei ano passado, né, a gente jogou a copa do Brasil, Gauchão e ...Bom, acho que no inicio foi assim; sempre envolvida no esporte.

## **2- Fale sobre a participação da sua família relativo a tua participação no futsal.**

**J4** – Bom, eu vou te dizer assim que no esporte em geral, se não fosse pelo meu pai eu não estaria no esporte. Por que ele sempre incentivou, me levava e me trazia onde tinha que treinar nos locais. Até ele era mais a favor que eu fizesse atletismo do que jogasse futsal, mas enfim, futsal ele sempre me acompanhou. Até tem um lance bem engraçado: Eu estudava em um colégio público em Viamão, né, e lá eles não tinham futsal feminino. E meu pai treinava em time de futsal feminino em outra escola de Viamão, pública também. Daí eu me transferi de escola para jogar no campeonato. Ah, daí foi uma festa, né, jogava futsal, futebol de campo, vôlei, atletismo...Fomos campeões em tudo; o pai treinando e eu jogando. E foi jogando por esse colégio que eu troquei o campeonatos de equipes diferentes que o Farroupilha jogou contra mim, contra minha escola, que eles me viram e me ofereceram a bolsa. Mas enfim, quem apoiou sempre foi o pai, a mãe não gostava...Até hoje não gosta do lance de eu jogar futsal por que eu tenho mais outras irmãs que são....ahhh...Todas mais femininas. E chega eu toda musculosa e quadrada de jogar futsal. Mas enfim, já estou influenciando a baixinha a jogar futsal. Se não fosse meu pai com certeza eu já não estaria aqui.

## **3- Tu poderias falar um pouco sobre preconceitos e futsal feminino?**

**J4** – Acho que só Futsal feminino em geral sofre preconceito até hoje, né. Tu vê isso na divulgação dos campeonatos femininos. Na TV, tu não vê jogo de futsal feminino; tu vê só de homem. O que foi os jogos que a seleção brasileira masculina fez ano passado, coisa ridícula, sabe. Foram desclassificados quase no inicio da competição e as mulheres sendo campeãs mundiais nas Olimpíadas e pouco é divulgado. Se fala muito ‘ Ah, o futebol feminino está crescendo. Vai ser investido mais.’ Mas tu não vê esse investimento. Tanto é que a Martha para aparecer teve que jogar fora do país, que aqui no Brasil não é investido.

Eles investem nas meninas que já estão lá fora. Aí eles trazem para cá, oferecem um dinheiro, mas não há incentivo de trazer gurias que não são conhecidas ainda e que não são conhecidas nesse meio e fazer delas uma outra marca, entendeu? Eles pegam as que já estão prontas. E se São Paulo é difícil, imagina aqui no RS tu não vê. Essa é a realidade, isso que eu tava te falando: a gente ta jogando para ganhar a passagem. Por isso que tem qualidade para estar jogando fora do país, mas não se têm condições. Por isso que acham que vão crescer no futebol e deixa os estudos de lado, e quando vê já estão com 30 anos na cara, no futebol não deu em nada e os estudos muito menos. O grande lance, se tu quiser seguir, é tu estar como eu e as gurias, fazer faculdade federal e se formar e ir para fora. Ganhar uma bolsa lá fora, estudar por lá e lá ser conhecida. Em relação a preconceito, como estava te falando, esse é um preconceito que ainda persiste, né. Agora, toda mulher quando começa a jogar futsal, como eu te falei, começa a jogar com os meninos. Tu acha que os meninos não me olhavam e diziam ‘pô, o que essa menina ta fazendo aqui? Vai vestir uma saia!’, entendeu? Aquela coisa assim: futebol não é pra mulher. E isso tu vê até hoje, melhorou bastante mas tu vê. Mas aquela questão, me lembro, quando era nova, do preconceito que tinha de eu jogar com os meninos por que era menina, mas quando levavam driblezinho da menina já começavam a respeitar daí eles chamavam a gente pra jogar (as meninas). Mas sempre houve aquele receio, pelo fato do homem ser mais forte, e até pela questão cultural que a mãe Poe a menina a brincar com boneca, uma situação de brincadeira mais quietinha, sem muita correria, não pode subir em árvore, então, já o menino não, já é mais largado. Então, naturalmente, o menino vai ter uma desenvoltura melhor no futsal. Então é uma coisa até cultural essa coisa de preconceito.

Bom! Quanto a diferenças entre as equipes masculina e femininas de futsal da UFRGS eu não posso te afirmar nada assim, eu sei que... não posso falar, pois eu não to aqui sabe, eu faço muitas coisas, eu não acompanho aqui o treinamento masculino. Eu sei que o ano passado, agente treinava, e daí agente queria trocar o dia ou o horário do treinamento, eu não lembro, mas daí agente não podia, pois esse dia era do masculino, e o masculino, tinha prioridade. Isso eu sabia sim. Pô acho, que até pela questão de ser o Voser o treinador, o cara tri conceituado no ramo, e agente chegou depois dele. O Futsal masculino chegou depois do feminino. Que nem a realidade de clubes aí, que tem, masculino e feminino, nossos fardamentos são a sobra do masculino, nosso material, e a sobra do masculino. E

agente acha o máximo ainda ter uma camiseta do clube, mas é o lixo, do lixo deles! Então não sei se acontece isso exatamente aqui na URGs assim, no masculino e feminino, mas eu sei que se tiver que ter uma prioridade de horários e dias, o masculino sim tem prioridade. Mas se existe essa diferença, não é tão explícito assim. Não enxergo isso, não vejo isso! Até o pessoal apóia assim, bastante o feminino, acho isso legal assim. Outra coisa que tem assim, coisas dos jogos universitários, que já ouvi falar muitas vezes assim, que... as vezes a UFRGS não banca a ida de dois esportes, digo, assim, de dois naipes de esporte assim. Se a gente ficou em primeiro no Jugs e vai viajar para o Jubs que é normalmente fora do estado, pode no máximo duas equipes. Eu acho, eu acho não! Já ouvi falar, que nem eu disse não posso te confirmar, que sei lá, se o masculino ficar em primeiro lugar e o feminino também ficasse em primeiro lugar e classificasse também, sei lá o vôlei, em primeiro lugar, iam ter que disputar entre o futsal, entre o masculino e o feminino e iria o masculino, o feminino não iria. Por que a UFRGS não tem verba o suficiente, né! Então nesse caso eu já ouvi falar que o masculino iria e o feminino não! É o que eu posso te falar assim, não posso te afirmar mais nada.

#### **4- Comente suas alegrias e decepções no futsal.**

**J4** – Bom, as maiores alegrias, o esporte me deu tudo! Se hoje eu estou aqui e por causa do esporte. E que nem eu já falei, foi até uma questão... nem sei! Foi destino, né? (Risos), Troquei de escola para jogar um ano, né! Numa equipe de futsal de outra escola e ali, participei de um campeonato, inter municipal, e...onde uma escola particular de Porto Alegre, uma das melhores escolas particular de Porto Alegre, Me viu jogar. Me ofereceu uma bolsa, puts. Quando é que eu ia pensar que eu ia estudar em um colégio particular, sabe? O sonho do meu pai era me colocar em um colégio particular, e vai sonhar, que ia ser numa das melhores escolas de Porto Alegre. E a partir dali, com certeza, eu eu sempre fui uma menina que não gostava de estudar, eu estudava para passar e não para aprender. E ali no colégio farroupilha eu vi que se eu não estudasse eu ia rodar, sabe? Então através do esporte eu fui parar num colégio super bom, e dali eu aprendi a estudar, e com certeza, foi dali que eu passei num vestibular de uma Universidade federal, eu não estaria aqui, entendeu? Seria mais uma que taria pagando uma Ulbra, uma PUCRS, entendeu? Ou

derrepente eu iria ganhar uma bolsa pelo esporte para estar numa Ulbra ou numa PUCRS também! Mas, enfim, Pô! Comecei no esporte, o esporte só me deu saúde, poxa! Alegrias! Que coisa melhor que tu jogar bem! E... e ser reconhecida, e as pessoas tenta de abraças e dizer: Tu joga muito! Então! A equipe toda te abraçar e... aquela coisa, aquela festa e... Esporte é... sei lá! É aquela questão de...de pó tu cria muita amizade dentro do esporte sabe? Tem os lado das brigas, mas pô! A amizade é maior! Tu poder vê, encontra águem na rua, uma colega tua antiga e... pô! Lembra daquele jogo? Sabe não tem coisa melhor, então, eu posso dizer que eu to aqui por causa do esporte. Não digo só o futsal, mas o esporte em si. Já conheci a Argentina, pô a primeira viagem que eu fiz de avião, primeira e única! Meu pai e minha mãe não sabem o que é um avião, entendeu? Foi bem legal! Bom decepções no esporte, olha são poucas assim, decepção, eu fico decepcionada comigo quando eu não jogo bem! Hã, já tive, assim, questão de treinador, humilhação, eu já sofri isso. Eu não conhecia bem o ambiente, e fiz algo, que eu não julgo que eu fiz errado e, mas enfim, ele quis dar uma lição de moral em todo mundo, para todas verem que se tem que ter respeito ali dentro, então ele aproveitou de mim, que não sabia como era o ambiente para dar essa lição de moral em todo mundo, de moral, ele fez errado! Essa história acho que foi a minha maior decepção no esporte!

#### **5-Fale sobre as tuas motivações para a prática do futsal.**

**J4**– Pô! futsal eu tenho jogado, até então, o que me motiva... Ah! Eu não sei viver sem o esporte! Eu não me vejo parada! Não tem como! Pará o dia que eu não poder mais jogar, lesionar, sei lá o que! O joelho! Não puder...entendeu? mas também tem aquela esperança de um dia sair daqui, quem sabe ir para fora. E ser reconhecida, sei lá! Pelo menos ganhar um estudo lá fora, e quem sabe, voltar com um diploma internacional, algo do tipo assim. Mas enfim, não me vejo sem o futsal, minha esperança é essa de ter algo melhor. Aproveitar do dom, e da...do meu empenho. Que não adiante ter o dom e não ser determinado, né? E... eu sei que eu tenho muito para evoluir, eu tô começando agora, e sei lá! Acho que...tem muito por vir aqui ainda, eu já ganhei bastante com o futsal, e vou ganhar mais se Deus quiser!

## **6- Comente sobre tuas expectativas futuras no Futsal.**

**J4-** Bom eu...como já havia falado pretendo, conseguir uma bolsa fora do Brasil, por que no Brasil não tem como! O futsal feminino no Brasil, é perda de tempo. A não ser que tu tenha muito QI, como dizem quem indica. Por que , não tem! O negócio tri, é que tu vê, tipo assim, nos Estados unidos, o pessoal investe muito mais no futebol feminino,mais do que no masculino, para eles lá o masculino é Ruggyb, né? Porque nas praças o futebol que rola lá é o feminino. E tu vai na Espanha, na Itália pe futsal feminino. O pessoal investe, o pessoal investe pesado, bha! Já tive vários contatos de gurias conhecidas minhas que tão lá e... daí é aquela questão, né! Como é que eu vou largar uma universidade federal para ir lá sabe, e eu sei que eu to nova ainda, e eu sei que eu posso me formar tranqüilamente ainda e depois ir para lá. Chegar lá de consciência limpa, né? Do que largar uma coisa certa por uma incerta e acabar me ferrando né! Então a minha expectativa é assim, conseguir com o futsal uma coisa em relação ao meu estudo, né! E quem sabe profissionalizar, Mas não é meu objetivo maior assim, Primeiro eu quero terminar aqui tudo pra depois consegui algo assim. E com relação de trabalhar com o futsal, já venho trabalhando, naquela mesma escola que eu joguei com meu pai, eu faço um trabalho voluntário com futsal feminino. Lá agente faz trabalho voluntário com meninas de uma realidade precária assim, e agente faz o mirim, infantil, juvenil, mas eu... tu me pergunta... o quê tu pretende seguir na área da Educação Física, eu não sei! Derrepente eu nem vou seguir na área do futsal. Hoje eu trabalho com... com... pessoas com deficiência mental, então, é é é faz parte, a recreação terapêutica faz parte da Educação Física, tô gostando e apesar que, pô eu jogo futsal sou toda durona, tu vê fui parar para trabalhar com recreação, uma coisa mais... Mas, sei lá, é tranqüilo, eu não sei realmente o que eu vou seguir. Não sei se realmente, eu vou continuar com futsal, ou futebol, ou nenhum dos dois. Realmente, não sei se vou trabalhar na área do futsal.

## **ATLETA 5 = L5**

### **1- Comente como foi o seu processo de iniciação no futsal.**

**L5-** Eu comecei jogando com dez anos, nisso eu entrei no Inter né! Hã! Continuei jogando no Inter e... quando eu tinha uns 14, 15 anos me chamaram para o profissional de salão, então eu jogava no profissional! E aí eu realmente iniciei, pois até então eu não tinha jogado futsal em nenhum clube. Então foi mais ou menos com essa idade 14, 15 anos. E foi pelo Inter né? E desde então, eu joguei no Inter, joguei no Vernesul de Canoas, joguei no Lindóia e aqui na UFRGS, e no IPA também joguei, um ano no IPA, no futsal.

### **2- Fale sobre a participação da sua família relativo a tua participação no futsal.**

**L5-** Minha família sempre me incentivou a jogar desde pequena e... a única coisa, é que quando começou a ficar um pouco difícil para eu praticar, porque eu comecei a faculdade e tudo mais é... Às vezes eles eram um pouco contra assim, quando começava a ter algum problema, né de nota ou coisa assim, ou eu deixava de ir na aula para treinar ou para jogar então eu...Tive um momento em que eles não me apoiavam muito. Mas no geral eles sempre me apoiaram à jogar toda minha família assim, eu acho que nunca tive problema em relação a isso! Meus namorados sempre foram a favor, sempre gostaram, sempre acharam diferente, assim, gostaram me acompanharam todas vezes que eu tava namorando alguém assim. Nenhum momento assim, alguém teve preconceito, eu digo algum namorado em relação ao esporte, né!

### **3- Tu poderias falar um pouco sobre preconceitos e futsal feminino?**

**L5-** Bom preconceito, assim, acho que sempre existiu né? Até principalmente a uns anos atrás, é... porque era difícil, ver antes, mulher jogando futsal, hoje já é um pouco menos incomum assim. Então... então quando eu comecei a jogar. Eu sofri algum preconceito, até porque eu jogava na rua com meus amigos, e daí até tinha um pessoal que na rua tinha preconceito, e não concordava que eu ficasse lá jogando. Então era uma coisa pequena, mas que me incomodava, até porque eu era criança, tinha uns 10, 11 anos. Foi um preconceito que eu sofri inicialmente. Depois com o passar do tempo, o... o... futsal ele passou a ficar mais conhecido, o futsal feminino no Brasil, aqui, e co isso venho assim, acho que separou as pessoas que mantiveram preconceito, e as pessoas que pararam de ter. Tem pessoas que tem preconceito por a mulher praticar um esporte que é considerado masculino culturalmente no Brasil, então sempre teve esse tipo de preconceito, mas tem gente que leva numa boa. Acho que vai muito da educação, da vivencia, da cultura de cada um. Dentro da faculdade eu nunca sofri preconceito, eu acho que o pessoal acha até legal, uma mulher, uma guria que pratica futsal. E que tenha chegado a mim, eu nunca ouvi nada aqui dentro, mas é claro eu já ouvi que eu tinha que me cuida, pois esses negócios de mulher no futsal tem uma certa masculinização, mas sempre levei na boa, não dá para esquentar a cabeça!

Ai! Acho que uma diferença sempre tem, pois no Brasil é um esporte muito mais visto como masculino do que feminino, né? Então diferença sempre tem. Mas eu acho que dentro da UFRGS, agente tem, até um espaço legal, nunca... por exemplo é que eu joguei antes na...no IPA, e lá era bem diferente, assim o tratamento. Aqui as vezes tem uma diferença né, eles pegam as bolas novas, e ficam com os melhores materiais. Mas acho que eles sempre nos incentivaram em relação aos campeonatos e etc. também não dá para dizer que não né, mas com certeza acho que o masculino é mais valorizado aqui dentro como em qualquer lugar.

#### **4- Comente suas alegrias e decepções no futsal.**

**L5-** Minas maiores alegrias, acho que foram, foi o que o esporte pode me proporcionar, de campeonatos de vitórias de viagens. Eu viajei né! Fiquei um tempo morando nos Estados Unidos, conheci uma boa parte do Brasil, conheci uns 10 estados do Brasil, viajando e

jogando. Acho que isso é uma parte legal que o esporte proporciona, conhecer lugares diferentes, jogar em lugares diferentes. E participar de campeonatos, assim, acho que tu vai conhecer pessoas de vivencias diferentes, de outro lugar, com outro estilo de jogo. Em relação as alegrias também ganhar algum campeonato importante, ou não importante, acho que todos sempre acabam fazendo bem né? Decepções o que mais tive foi uma vez que eles me pré convocaram para seleção brasileira sub 21 eu tinha 17 anos, mas acabaram me cortando, pois preferiram uma menina com o portefísico mais avantajado. Aí, acho que foi a minha maior decepção assim, acho que foi aí que eu meio que comecei a deixar o futsal de lado. E foi bem na época que eu comecei a faculdade, e eu parei de vez de jogar o futebol profissional, digamos assim, acho que foi essa a minha maior decepção!

#### **5- Fale sobre as tuas motivações para a prática do futsal.**

**L5-** O que me motiva a continuar jogando praticando o futsal aqui dentro é porque eu gosto muito de praticar é um hob para mim é uma diversão e quando eu terminar a faculdade aqui eu pretendo continuar jogando, quem sabe voltar para o exterior, voltar a jogar no exterior. Por que é aquilo que eu te falei, uma coisa que o esporte proporciona é isso consegui conhecer lugares diferentes, conseguir morar em outro país, em outro estado né! E para mim é uma diversão, eu sempre gostei de jogar futsal.

#### **6- Comente sobre tuas expectativas futuras no Futsal.**

**L5-** Bom, primeiramente em relação ao profissional, foi importante toda a vivencia que eu tive em relação ao esporte, na verdade minha vida girou em torno do esporte, então toda essa bagagem que eu levo, vai facilitando o meu trabalho, eu to me formando em fisioterapia, pretendo trabalhar na fisioterapia esportiva, to me formando também em Educação Física, eu acho que da para unir né! E acho que vai abrindo portas tu conhecer as pessoas dentro do esporte, conhecer o esporte em si! Acho que isso é um objetivo futuro assim. E em relação de eu continuar jogando, eu pretendo sim, continuar jogando, até quando der... e quero ver se eu consigo jogar profissionalmente futsal, em qualquer

oportunidade que aparecer, e...e...eu pretendo continuar, o que aparecer eu acho que vai ser legal, legal assim, vai ser uma experiência legal e que eu pretendo seguir.

## **ATLETA 6 = C6**

### **1- Comente como foi o seu processo de iniciação no futsal.**

**C6-** Bom! Eu comecei jogando futsal na escola, desde pequena, eu sempre amei poder praticar, chutar a bola e tal! Ganhei bolsa num colégio legal para jogar futsal, então isso foi importante e me motivou para continuar no esporte, pois pensei! Isso ainda vai me ajudar muito, ainda mais que vim de uma família humilde. Depois isso me ajudou para caramba! Me ajudou muito, né! Pois tive uma chance de estudar num colégio bom e passar por uma faculdade que nem da UFRGS. Cara! Isso já vale!

### **2- Fale sobre a participação da sua família relativo a tua participação no futsal.**

**C6-** Minha família nunca deu mundo apoio, nunca gostaram muito. Eu nunca gostei de boneca, sempre quis roubar a bola do meu mano para chutar. Eu até apanhei com a minha mãe, da minha mãe! Eu desde pequena jogava pelada na rua, não pelada sem roupa (risos), de chutar, jogar bola! (risos). Meus namorados sempre acharam demais falavam para os amigos que a namorada jogava melhor que todos juntos. Era tri, agora to sem namorado! Mas minha família, assim, nunca foi a favor! Agora que eles vem o quanto foi importante para meu futuro, ganhei estudo e agora na faculdade pública, to bem eles passaram a me apoiar. Agora eu já to mais velha também. E eles viram que eu sou bem decidida sexualmente, então não se preocupam.

### **3- Tu poderias falar um pouco sobre preconceitos e futsal feminino?**

**C6-** Acho que preconceito sempre existe, não só ligado ao esporte... Se falou mulher X Homens já tem preconceito, né? São poucas pessoas que não julgam os outros. Sempre rola aquilo, mulher que chuta bola é homem, gosta de mulher, que raiva! Nada a vê, Né! Tem mesmo as mulheres que jogam futsal e são assim, são masculinizadas, mas isso ta caindo, ta menos agora! É preconceito sempre teve, tinha um namorado meu que desconfiava de mim, dizia que achava que rolava coisa entre as guria. Nada a ver! Pelo menos nas equipes que eu participei nunca! Quando vamos para os campeonatos, vemos mais é isso, os casais... posso falar? Sim! Casai das mulheres mais velhas as mais antigas, realmente elas são mais masculinizadas. Mas as gurias de agoram são bem femininas, se enfeitam e tal. O cara, o juiz tem que pedir para tirar os troço, brinco, colar e tal! Mas te preconceito e diferença sim, quando ganhamos nunca temos gratidão, mas quando perdemos sempre é assim, mulher tem que pilotar fogão. Na UFRGS é melhor a estruturas, tem equipe, e pro melhor... Por ... Na UFRGS, temos uma equipe mais organizada que o masculino, mais quando eles querem usar o material, querem quadra, temos que sair, eles tem mais vantagens, mesmo tendo ganhado menos! Mas pelo menos, temos estrutura aqui, com o professor aquele, Rogézio Cunha, ele estimula os guri aqui, é no trabalho da gente. Mas tem preconceito sim, das pessoas!

#### **4- Comente suas alegrias e decepções no futsal.**

**C6-** Minhas alegria é jogar, gosto muito, a cada gol, vibração, tar com as colega eu gosto! Faço amizade! Minha maior conquista é ter ganhado estudo. Que mais alegria do quer a única a ter estudo de facul lá em casa! È muita alegria. Decepção, é a realidade que a mulher passa, sabe? Temos que provar tudo sempre, não basta ier bem tem que vencer ser a melhor, e ainda ser bonita, se não é machorra, querem que agente seja feminina e ganhe dentro do campo. Daí se somos fortes no campo, somos homen, mas se somos delicadas não sabemos jogar bola! E aí? Complica.

#### **5- Fale sobre as tuas motivações para a prática do futsal.**

**C6-** Minhas motivações são a de jogar em quando der, gosto por isso pratico, não vivo sem esse joguinho, me sinto realmente importante, lá dentro, lá sou boa! Devo ao esporte que deu tudo para mim!

**6 -Comente sobre tuas expectativas futuras no Futsal.**

**C6-** Pretendo não ser profissional, acho que to notro nível, to ganhando, sai na frente, estudei, não preciso ser jogadora, isso não melhora minha carreira! Vou trabalhar na área quem sabe, treinar time ter escolinha e pá! Din din, é o que eu quero, não mercenária, quero viver bem ter filho e marido. Ajudar as próximas que virem, para que para elas sejam mais fácil.